



PEPETELA

CRÓNICAS MALDISPOSTAS



Ficha Técnica

Título: Crónicas Maldispostas

Autor: Pepetela

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Boléo

Capa: Maria Manuel Lacerda

ISBN: 9789722058704

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Pepetela e Publicações Dom Quixote, 2015

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

OS BONÉS

Sei que eram outros tempos e com os tempos mudam-se não só as vontades, como dizia o poeta, mas as modas e os costumes. No outro dia, ao ver televisão, reparei que agora se faz uma coisa que a minha mãe me proibira de fazer. Era eu criança e ela me ensinava que chapéu ou boné só se usava ao ar livre, porque foram feitos para proteger a cabeça do sol ou do vento. Era ridículo andar de chapéu ou boné à noite e era má educação entrar em qualquer casa com isso na cabeça. Talvez digam, «Coisas de europeus!». No entanto, se da Europa veio coisa que hoje não serve, também vieram coisas pelas quais nos matamos ainda hoje. Matar, literalmente. Por isso esse argumento desprezivo, «Coisas de europeus!», para rejeitar qualquer boa ideia a mim não convence em absoluto.

Tudo isto a propósito de se estar sob um teto com chapéu ou boné na cabeça, marca de má educação tempos atrás. Hoje, pelo que tenho visto na televisão (que felizmente há muito me libertei de assistir ao vivo a essas manifestações), a moda é ficar de cabeça coberta dentro de salas. E quanto maiores são as salas, melhor para se tapar a cabeça. As pessoas recebem todas boné igual, muitas vezes da cor da t-shirt, os dois impressos com palavras adequadas à ocasião e se sentam em grandes salas para baterem palmas todas ao mesmo tempo para falas que já ouviram mil vezes. Acho mesmo que só bate palmas em unísono quem tem boné na cabeça. Muitos até dormem nos intervalos entre palmas, mas o boné não lhes cai da cabeça.

Há outra forma de usar o boné, com a pala para trás, mas isso é moda importada dos jovens norte-americanos e como esses estão na crista da onda já não se diz do facto, «Coisas de americanos!» (pois então, não é agora o mais fiel dos amigos, o que nunca falha nas horas difíceis?). Arrumo pois a questão dos jovens que põem a pala para trás e andam a arrastar preguiçosamente as sapatilhas desapertadas pelo chão, com as bundas cada vez mais salientes derivadas do exagero dos hambúrgueres e ketchupes ingeridos com batatas fritas, tudo bem regado com um frasco

inteiro de maionese. Modas ótimas, que fazem bem à saúde, então não vieram do centro do mundo, que só dá bons conselhos e exemplos?

Falava é dos outros bonés, com a pala para a frente, comprados aos milhares para distribuição gratuita. Geralmente os símbolos impressos referem-se a partidos ou organizações políticas. Raro é o evento do género que não exija os devidos artefactos de homogeneização mental, a t-shirt e o boné alusivo. Para todos estarem da mesma maneira, pensarem da mesma maneira, baterem palmas ao mesmo tempo, fingirem que escutam os discursos sempre iguais, por não haver inovação há décadas. Exagero, reconheço. Porque por vezes há uma frase que transmite ideia nova, propõe uma iniciativa. Mas ela só pode vir do chefe. Por isso o discurso do chefe é aguardado ansiosamente, pode ser que desta vez sacuda a monotonia com alguma ideia nova. Porém, ai daquele que pretenda inovar antes do chefe, esse é um dissidente, não merece o boné na cabeça. Como não tenho estado presente a esses circos não sei se, no caso muito improvável de alguém que não o chefe avançar com uma ideia original, lhe arrancam o boné logo ali mesmo na sala ou apenas à saída. É uma dúvida que fico com ela.

No entanto, repito, continuo a achar de muito má educação usar boné nessas salas ou noutras. Com esses exemplos, como vai o professor impedir um aluno de usar boné nas aulas? Receberá em resposta um, «Vai apanhar bonés!». Pois é, a apanhar bonés andamos há demasiado tempo. E esses, nem símbolos impressos têm.

DE FATO E GRAVATA

Anda tanta boa gente preocupada com o futuro da humanidade, ameaçado pelo aquecimento global, com projetos, reuniões ao mais alto nível e manifestações militantes para diminuir o efeito estufa, encontrar energias renováveis e não poluentes, denunciando os que não cumprem certas decisões de Quioto, etc., etc., aceitando os mais radicais apenas a bicicleta como meio de locomoção para se diminuir o número de carros que atiram para os ares tantos fumos e calores e nós nem reparamos nos hábitos mais comuns que temos (ou nas nossas mais encravadas manias, como queiram dizer) que contribuem também para esse efeito pernicioso sobre o meio ambiente. Parecem (e são) coisas banais, mas entretanto elas contribuem com o seu pequeno quinhão para a futura miséria do planeta.

Exemplo desses hábitos ou manias é o de se usar fato e gravata, por vezes colete mesmo, nos climas mais tórridos do mundo. Um calor de morrer, humidade no máximo, e lá andamos nós de pescoço apertado a escorrer suor, casacos mesmo que de verão, meias e sapatos apertados. Não aguentamos a temperatura, corremos a refugiar-nos nos gabinetes e salas refrescadas por aparelhos de ar condicionado, ficamos ainda assim uma meia hora a arrefecer e sem pensar em mais nada senão nos nossos corpos pegajosos, até finalmente nos sentirmos mais confortáveis. Mas não abdicamos do fato e da gravata. Sem fato que seria do burocrata chefe de serviço? Nem parecia um chefe de serviço. E então, que dizer do responsável a nível mais elevado que aparecesse com uma simples camisa? Ninguém o respeitava, parecia um falhado.

Alguns países adotaram como traje oficial (ou pelo menos recomendado) roupas leves e largas, como é o caso de alguns da África Ocidental ou da América Latina. Para não falar já do célebre e elegante safari à Nyerere ou das camisas coloridas e sóbrias de Nelson Mandela. Eis homens que não fizeram concessões aos preconceitos ocidentais e se vestiram sempre de acordo com o clima, antecipando uma luta que hoje é de todos. Muitos africanos só usam fato e gravata para se parecerem com

os europeus que os colonizaram. Nunca foram capazes de ultrapassar esse complexo de inferioridade e se sentem nus se não tiverem um casaco escuro, de preferência vindo de um estilista famoso de Londres ou Paris. Uma maneira de exibirem a importância que por vezes não têm.

Mas não me interessam os complexos alheios, desde que não interfiram com a vida de muita gente. É o que se passa é que de facto, se nos vestíssemos mais de acordo com as temperaturas habituais nas nossas terras, menos aparelhos de ar condicionado teriam de trabalhar ao mesmo tempo, havendo pois poupança de energia, menos dano para a camada de ozono, menos aquecimento global, enfim, melhores perspectivas para o futuro do planeta. Dirão que os efeitos dos aparelhos de ar condicionado para a atmosfera serão coisa menor e tudo isto não passa de paleio gratuito a tentar justificar o meu horror em usar fato e gravata. É verdade, não o nego, tenho dificuldades em andar de corda ao pescoço e os casacos pesam-me nos ombros de uma forma incómoda. Só reconheço neles uma utilidade: o de terem vários bolsos, dispensando portanto bolsas ou carteiras, o que por vezes se torna muito prático. Mas para ter alguns compartimentos onde guardar os cigarros, o dinheiro, o canivete, objetos secretos, documentos de identificação e para muita gente os três telemóveis absolutamente indispensáveis, vale a pena sofrer com os apertos do corpo e andar sempre a fugir para o ar condicionado?

Resumindo e acrescentando algum exagero, andamos a lixar o mundo só por causa de complexos.

O HORROR DO VAZIO

Sei que pode parecer repetitivo, mas afligem-me as megalomanias se apossando de algumas cabeças que assumem responsabilidades em relação a Luanda. Uns tantos acham que merecemos ter uma capital no estilo Singapura ou Hong Kong, com torres de quarenta andares (no mínimo) ao longo do mar. Não é forçosamente para amealhar umas comissões, como imediatamente pensam os nossos cérebros borrados de preconceitos, embora uns tantos aproveitem. Nada de novo, afinal: o mundo está cheio de processos por causa do imobiliário e o cinema e a literatura até já esgotaram o tema. O que me preocupa é muita gente estar sinceramente convencida de que isso é que é bonito e assim é que será viver bem. Têm horror ao vazio que nas suas cabeças significa uma praça, um jardim, um parque, um desperdício de espaço que ficaria melhor com uma torre no meio (antes dizia-se arranha-céus, mas reconheço o exagero americano ao inventar o termo, porque os céus não têm costas, são da natureza dos anjos, e ninguém imaginaria um edifício a arranhar as costas de um anjo). Torre é melhor, lembra logo aquelas construções onde se enfiavam os prisioneiros para morrerem lentamente, como a célebre Torre de Londres, ou onde se aninhava o povo da Europa medieval para se defender de ataques. Torre sim, pois os seus utentes/prisioneiros vivem no medo de sair à rua, de viver a cidade, enclausurados e protegidos da miséria que espalham à volta de si.

Queixamo-nos do trânsito na baixa da cidade (não só na baixa, sejamos justos) e nem sempre escapamos de lá cair, porque ali está concentrado mais de metade do capital financeiro e dos serviços do país. E querem fazer mais torres, para atrair mais gente e mais carros? Que as torres vão ter parques de estacionamento, dizem os defensores das ideias futuristas. O problema é entrar ou sair dos parques, porque as ruas estão atulhadas de carros. Claro que há uma solução do mesmo estilo: fazer as ruas da baixa com andares, género autoestrada em fatias sobrepostas, ou até com viadutos por cima dos prédios, a arranharem as nuvens. Isso seria um

arranhanço útil. E já agora peço, façam um túnel por baixo da baía ou uma ponte a ligar o bairro Miramar à Ilha, assim chegamos à praia em cinco minutos, como era há vinte anos atrás. Como de todos os modos a ideia geral é dar cabo da baía e da Ilha, também tanto faz, mais ponte menos ponte... Suponho também que já deve haver negociações para se tirar a Igreja da Nazaré do sítio onde está, a ocupar indevidamente um espaço nobre para mais uma torre. Uma pequena concessão não fica mal, mantém-se a igreja na cave do edifício. A História que se lixe, não foi a lição da destruição do palácio de D. Ana Joaquina? Então continuemos. Neste afã de ocupar todos os espaços, proponho também acabar com o prédio dos correios, bem feio e sem valor arquitetónico por sinal, e já agora com a praceta à sua frente, outro desperdício de espaço. E aquele compacto e azul edifício que serve a polícia? Um quarteirão inutilizado! A polícia pode ocupar um andar da nova torre. Com menos agentes, claro, para se fazer encolher o Estado, assim mandam os compêndios do liberalismo económico, nossa nova Bíblia.

Problema que estamos com ele é que todas essas novas construções vão ter sérias infiltrações de água salgada, pois ali antes era mar. E o mar gosta de recuperar o que lhe roubaram, ainda mais agora com a previsão da subida dos oceanos, como em todas as conferências se apregoa. Vai ser lindo, com as fundações das torres a serem corroídas pelo salitre e os prédios a desabarem. Felizmente para eles, já não estarão cá os responsáveis nem os seus filhos. E os netos dos outros que se lixem.

DEVO ANDAR MESMO DISTRAÍDO

Como o título da crónica indica, sou por tradição uma pessoa distraída. Talvez por matutar demais com os meus botões sobre os rumos do mundo (porque começo a ter a prudência de não matutar em voz alta para não ferir suscetibilidades) ou gostar de polemizar comigo próprio sobre alguma ideia transcendental. O facto é que ando nas ruas a observar por vezes detalhes ou a pensar em temas aberrantes e deixo de ver o essencial. Devo acrescentar a isso o facto de que na juventude um triste dia acordei e me apercebi de uma redução substancial da minha capacidade de memorizar, deficiência que se mantém até hoje (o que é ótimo para quem me pede dinheiro emprestado e que nunca me lembro de cobrar, ou para quem me faz alguma malandrice que estou disposto logo a esquecer, embora com exceções neste último caso). Distração e má memória obrigam-me pois a antecipadamente pedir desculpa aos leitores sobre o que direi a seguir.

Acontece que caminhava por Luanda e me apercebi subitamente que nunca tinha visto, nas minhas andanças pelo mundo (sem me querer gabar, já são umas tantas), uma rua fechada porque se está a construir um prédio. Desculpem, deve ser mesmo da minha distração, mas nunca em Paris, São Francisco, Berlim, Rio de Janeiro, Lusaka ou Brazzaville vi uma rua fechada por causa de um edifício. Nem sequer vi (ou me lembro de ter visto) um passeio condenado por haver uma obra nas vizinhanças. Em todas essas cidades (e muitas outras a que poupo o leitor), as obras são feitas, os edifícios crescem, e as ruas continuam como antes e os passeios são no máximo provisoriamente estreitados e enfeitados com umas redes azuis ou verdes para protegerem os passantes, não vá o caso de cair um tijolo lá de cima. Em casos mais complicados de falta de espaço, organizam umas espécies de túneis com tábuas, onde uma pessoa passa sem perigo pisando a estrada. Mas fechar completamente uma rua ou condenar irremediavelmente um passeio e obrigar os carros e os transeuntes a escolherem vias alternativas, isso nunca vi. Certamente

porque andava nessas cidades com os olhos para o ar, admirando os pombos. Ou os olhos atentos às bundas das mulheres caminhando à frente. Muitas razões haverá para a minha distração, mas, confesso humildemente, não vi.

Diferença abismal com Luanda, esta cidade que nos mata, onde uma rua é fechada para se construir (e não no meio da rua, antes fosse!) um edifício qualquer, evidentemente da maior relevância para a vida da população. Da mesma maneira que qualquer loja se permite avançar sobre o passeio, acabar com ele, ganhando mais espaço para venderem o que todas as outras vendem, isto é, o elemento secundário para a vida dos habitantes. Felizmente há fiscais, recebendo salários, destinados a detetarem anomalias nas ruas. O problema é que os fiscais só têm olhos para os miúdos que lavam carros, para o resto estão distraídos. Afinal não sou o único distraído nesta cidade, já temos também os fiscais (pelo menos em relação a certas coisas, pois para outras estão sempre muito atentos, particularmente o que vendem os miúdos e as senhoras da zunga).

Também acontece aparecerem umas placas com a autorização municipal para a construção «atrapalhando o tráfico» (para citar Chico Buarque). Pois as grandes coisas não se fazem à toa, têm aval de quem está aí para mandar. Pergunto-me se os responsáveis por algumas dessas coisas assinaram as autorizações sonhando com o Mussulo ou com a última miss. Distraídos, portanto.

Vendo bem as coisas, talvez não seja eu o único distraído da banda. Se errei, me penitencio, não foi por mal, é só distração mesmo de quem já vai avançado na idade. E a dormir pela cidade...

UMA MÁ IMAGEM?

Quem tem de vez em quando a possibilidade de ir a Portugal se espanta facilmente pela imagem de Angola que umas tantas pessoas tentam pintar. Geralmente são jornalistas ou ditos fazedores de opinião (tenho pessoalmente algumas dúvidas sobre se de facto conseguem fazer alguma opinião, parecendo-me apenas insistência sobre o que já está feito, chuva no molhado). Como em tudo, aparecem felizmente exceções. Mas, de modo geral, há um desconforto tremendo quando esses portugueses se sentem na obrigação de falar ou escrever sobre Angola.

Em primeiro lugar, e com alguma razão, consideram os angolanos muito arrogantes. De facto, porque conseguimos obter uma independência arrancada a ferros e preservá-la contra muitos poderes, porque não nos dobramos facilmente aos ditames alheios, somos arrogantes. E por vezes exageramos. Exageramos também porque fazemos facilmente valer algumas capacidades económicas do País e temos tendência a achar que podemos comprar tudo. Às vezes acertamos, outras vezes não. Acertamos a comprar consciências de tipos que acham que têm ou fazem opinião. Por vezes falhamos, há consciências virtuosas que não estão à venda. Exageramos portanto ao generalizar.

Ultimamente, notei uma indisfarçável dor de cotovelo porque capitais angolanos têm comprado ações em empresas portuguesas. Daí até gritarem que a Pátria está à beira da catástrofe pouco falta. Não temos direito de possuir empresas portuguesas? Só o inverso é que é válido? Quando são alemães ou ingleses (como tantas vezes aconteceu) a comprar terrenos, empresas, regiões, ninguém se queixa. Se são angolanos, aqui d'el-rei. E não venham com a estória de que o dinheiro angolano é pouco transparente. Pelos casos lidos na imprensa portuguesa sobre escândalos financeiros, numa média diária pouco lisonjeira, parece que o dinheiro português não é muito mais transparente.

Outro aspeto curioso: vai haver eleições em Angola. Teoricamente isso significa uma democratização, sobretudo se o processo for limpo. Pois os

mesmos «nacionalistas» que se horrorizam pelas compras angolanas em Portugal já estão apostados em antecipadamente apontar defeitos. Estou curioso em ver as reações e os discursos se as eleições correrem bem e os mesmos ganharem, o que é uma forte probabilidade. Mudarão as opiniões? Já aceitarão os capitais angolanos? Ou vão finalmente reconhecer que eleições não fazem sozinhas a democracia? Estarei atento.

Alguns analistas dizem que os preconceitos provêm de reflexo colonial. Compreendo ser difícil aceitar que alguém que considerámos criança grande e irresponsável durante séculos agora se independentiza ao ponto de comprar uma parte do nosso quintal. Compreendo, dá muita raiva e inveja. As makas de vizinhos nunca mais vão parar. Outros referem o facto de Angola ter resolvido o seu conflito interno sem precisar de interferências exteriores, de ter mandado às malvas o FMI e comparsas, e estar a crescer a ritmo com que Portugal jamais sonhou. O argumento se junta ao anterior, é sempre uma questão de liberdade de opção.

Mas acho que no fundo mesmo está o facto de Angola criar apetites insaciáveis e uns tantos não terem braços suficientemente compridos para chegarem aos frutos. Bem que tentam abanar a árvore, mas as patacas já não caem. Daí a frustração. O que se compensa com a declaração de não quererem nada de tal árvore, suja... e de frutos verdes. Pois é, como na fábula.

Parafraseando o que se dizia acerca do Mantorras, eu diria: deixem mas é Angola encontrar o seu próprio caminho e crescer sozinha. Já não é sem tempo.

PAÍS DE IMIGRAÇÃO

Não tenho números a apoiar minhas intuições, mas o prometido Censo da População talvez me dê razão. Acho que Angola se tornou já num país de imigração e como tal vai permanecer durante muito tempo.

Terá havido fases distintas no decorrer da História. Primeiro esta era terra onde vinham se fixar as populações falando banto, empurradas do Norte, dos Camarões ou da Região dos Grandes Lagos. País de imigração, onde se chegava. Depois mudou para país de emigração, quando passou a «exportar» escravos, «importando» apenas alguns europeus, por sinal de péssima qualidade, isto é, agentes do tráfico. Mais tarde acabou o tráfico e a balança se recompôs: vinham europeus pobres, na maioria camponeses analfabetos, saindo alguns tantos angolanos para o Congo, procurando lá melhores condições de vida. Depois de 1974, passou a exportar outros «produtos» (colonos retornados, angolanos assustados com a Independência e a guerra, estudantes, trabalhadores mais ou menos clandestinos para as obras dos países do Norte) em maior quantidade do que importava assessores e uns tantos negociantes mais espertos que outros.

Agora mudou de novo, Angola só «importa»: regressam cada vez mais os nacionais que fugiram da guerra ou das dificuldades e até os seus filhos; os que estudaram e se iam deixando ficar pelas estranhas agora descobrem ser mais fácil e melhor remunerado o emprego aqui; os das obras, que finalmente aqui redescobrem a dignidade tantas vezes recusada; e vêm cada vez mais estrangeiros, uns de qualidade, outros desgraçados vizinhos que tentam a kamanga, mantendo assim a tradição milenar banto de entrar pela Lunda e depois se espalharem; vem também muito Chico Esperto a tentar aldrabar o patrício, já não com missangas, mas com projetos de obras faraónicas. Este tipo de Chico Esperto vem de muito sítio, desde a América à Ásia, embora o discurso seja rigorosamente o mesmo, acompanhando o ambicionado projeto.

Somos decididamente um país de imigração, o que não é forçosamente

mau (Estados Unidos, Brasil, Alemanha e França depois da Segunda Guerra Mundial, esses são bons exemplos de países que se fizeram ou desenvolveram recorrendo à mão de obra alheia), mas temos de controlar a qualidade do produto que entra. Algum vem sem rótulo e outro muito fora do prazo de validade (quer nas habilitações quer nos propósitos). Para isso teria de haver uma política clara, fruto de um debate esclarecedor a nível nacional.

Esta afirmação suscita reações alérgicas, sei bem. Alguns de nós temos dificuldade em aceitar o facto inevitável que pessoas diferentes vieram para ficar. Existe xenofobia na nossa maneira aparentemente lúdica e pacífica de receber o estrangeiro.

Neste momento, vemos a presença estrangeira como uma necessidade temporária e por isso admissível. Ora, temos de olhar quem preferiu este país para seu lar como um parceiro no desenvolvimento e que se tornará, mais tarde ou mais cedo, num dos «nossos». Choca? Então temos de debater e aprender.

E devíamos integrar melhor os vizinhos aqui procurando a sobrevivência. Alguns vieram fugindo de guerras, como nós fizemos ainda há pouco tempo. E fomos acolhidos nos países deles. Outros vêm porque Angola oferece oportunidades. E o facto é que temos terreno sobrando e possibilidades para distribuir por todos. Qual então a razão para os desprezarmos e expulsarmos? Se os soubermos integrar, não há perda de identidade, há antes riqueza da diversidade. São esses mambos que temos de discutir. Devagar, com calma, mas a sério. E com números.

UMA FUGA PARA O PLANALTO

Fui dar uma volta pelo planalto central. Dondo, Quibala, Waku Kungo, Bailundo, Huambo, Ganda, Cubal, até Benguela, em seguida o regresso pela costa, Sumbe, Luanda. São muitos quilómetros para três dias. Mas um prazer permanente.

Chove em todo o lado. Os primeiros sinais começaram já à saída de Luanda e no Dondo a lama dos desvios não enganava. Mas o verde cada vez mais exuberante a partir de Catete já dava indicação de haver muita água pelo caminho, sem atrapalhar a viagem.

O vale do Waku, rodeado de montanhas, com fazendas cuidadas e os aldeamentos remoçados e acrescentados, mostrava todas as tonalidades do verde das diferentes culturas, pastos e matos. A chuva faz o céu ficar mais azul depois. A gente do planalto sabe disso. Não evitámos um desvio para o Bailundo, uma olhadela ao sítio do célebre bunker que por ali escondia ambições desmedidas. A cidade do Huambo está a recompor-se, com uma granja bonita e cheia de vida no sábado à tarde e à noite. Muito esforço de recuperação, mas ainda há vestígios de uma guerra feita para tudo destruir. No entanto, é evidente, o Huambo em breve será um dos polos mais importantes de Angola. De novo.

Depois voltamos ao deslumbramento da paisagem. A descida para a Ganda, através do Lépi e do Longonjo, no meio dos rochedos com muita história ainda pouco resgatada. Aqueles rochedos imponentes que se erguem no meio da planície, apontando agulhas para o céu, típicos de todo o planalto central, obrigam as máquinas fotográficas a dispararem quase por si. A estrada está praticamente toda asfaltada, sendo exceção o troço entre a Ganda e o Cubal. Estas cidades intermédias precisam ainda de muito trabalho e iniciativa, mas o caminho de ferro e as boas estradas vão dar o empurrão para o desenvolvimento. Pelo menos, os bancos já lá estão, em sedes novas ou modernizadas.

Obras por todo o lado. Nas cidades e no campo. Estaleiros de construção e mais estaleiros. Empresas de nomes conhecidos com pontos

de apoio no meio do mato. Camponeses fazendo as suas lavras ao longo de extensões imensas, mesmo sem o apoio suficiente. Camiões com mercadorias diversas percorrem incessantemente as estradas recuperadas. Até vimos chineses que estão a refazer a linha de caminho de ferro a sacudirem uma mangueira carregadinha de fruta usando um trator encimado por um guindaste. O guindaste batia de um lado e de outro dos ramos e as mangas caíam. Encheram uns sacos e foram todos contentes para o seu acampamento. Nunca tinha pensado, eu que sempre apanhei mangas à pedrada, afinal o trator pode servir para desfrutar uma mangueira. Talvez a árvore sofra um bocado com o tratamento, mas recupera.

No planalto está fresco, mesmo com o sol sem nuvens. E quando chove arrefece um pouco mais. Dá para pôr um casaco, sobretudo os utentes de motorizadas que se veem por todo o lado, transportando pessoas e mercadorias, fazendo de táxi, servindo para namorar. A motorizada invadiu as estradas do planalto, um dado a ter em conta no trânsito e uma mudança importante na vida das pessoas.

O grande problema continua a ser a energia. No Huambo espera-se pela barragem do Gove, mas não chega. É preciso muito mais investimento na energia elétrica, em barragens e em linhas. O país não pode continuar a gastar quantidades brutais de combustível que vende em bruto para depois comprar refinado e se consumir nos geradores. Com enormes diferenças de preço e, sobretudo, deixando a industrialização passar ao lado.

Já sabemos como se faz. Temos país para o fazer. Lindo, por sinal. E um povo que já mostrou o seu valor. Como não ter esperança?

SÍNDROME DO CHINÊS?

Raramente reparo em anúncio de órgão informativo. Nunca leio os dos jornais e, quando é na Rádio ou na TV, mudo de canal logo que vem a publicidade. Por mim, as empresas que vivem de publicidade iam mais rápido à falência que os bancos da Europa e EUA (mas, justiça seja feita, sem os seus gestores receberem os arquimilionários prémios pela façanha de levarem as empresas à falência, privilégio só reservado aos «pobrezinhos» dos banqueiros; por isso há tantos a sonharem «montar banca»).

Alguém me chamou a atenção para estranho fenómeno que passava nas páginas de anúncios do oficial *Jornal de Angola*, fui verificar a veracidade e passo a divulgar. É espantosa a quantidade de anúncios de chineses a declararem ter perdido o passaporte. É aos cinco ou seis por dia. Não se sabe a quantidade de chineses que já penetraram em espaço nacional, estatística no segredo dos deuses chineses (pois não acredito que os deuses angolanos, sempre displicentes, o saibam), por isso é impossível determinar a taxa de perda ou estabelecer a evolução mensal. O curioso é nenhuma outra nacionalidade anunciar no *JA* a perda de passaporte. Das duas uma: ou os outros não perdem passaporte ou não acreditam na eficácia da publicidade.

Fiquei então a pensar no estranho fenómeno e fazendo minhas conjeturas. Por que razão os passaportes dos chineses desaparecem com tanta frequência, mais que a dos franceses, senegaleses ou outros estrangeiros? Haverá alguma pomba contra os passaportes chineses? Ou será porque, como eles dormem em quartos de dezoito pessoas por dia, seis a dormir de cada vez em três turnos diários, há algum larápio especializado que vai sempre palmar os documentos na hora do repouso? Se fosse este o caso, o ladrão seria provavelmente chinês.

Outra hipótese é a seguinte: como eles não estão habituados a ter documentos, por todos serem controlados constantemente, usam o passaporte como o maço de cigarros vazio. Usam uma vez, fazem um

embrulho e deitam para o lixo. Mas a acontecer isto depois não iriam reclamar, o que afasta a verosimilhança desta hipótese. Continuemos com a especulação.

Pode ser que, uma vez em território angolano, mandem o passaporte para trás e ele é utilizado por um colega de empresa ou um familiar. Seria um gesto patriótico, pois pouparia ao país deles as despesas com a emissão de um novo documento que, bem vistas as coisas, não serve para nada. Pois tenho a convicção que aqui é irrelevante um chinês andar com passaporte ou não. Primeiro, ninguém lhes pede identificação, pois andam aos magotes desindividualizados. Depois, se pedissem, alguém ia distinguir um do outro? Se passa o mesmo que no tempo colonial, os negros eram todos iguais aos olhos colonos. Agora são os chineses. Por isso, à entrada no país, o funcionário da polícia de fronteiras nem se preocupa em olhar para a chipala do recém-chegado. Num grupo de trinta, todos ao mesmo tempo e trajando de azul, quem vai distinguir quem?

Fica portanto em suspenso a tentativa de descoberta do mistério. Porquê desaparecem tantos (e são publicitados) passaportes chineses? À falta de um qualquer Jaime Bunda, seria bom que a nossa polícia tentasse descobrir, usando as tecnologias que se veem nas séries CSI. Mas estou a ser injusto, é evidente que as nossas autoridades policiais afastaram já há muito as sonolências matinais e estão atentas. E até podem ter resolvido o mistério, pois a nossa bófia nunca dorme. Infelizmente, se já descobriram, não nos informaram ainda de nada. E continuamos a nos perguntar, vendo os anúncios se sucederem no *JA*, por onde andam os passaportes chineses? Voam como os papagaios de papel de Beijing?

A VOZ TOTAL

Sabia, estava a sonhar. Não podia interferir no sonho, mas nada daquilo era real. Se tratava de um país rico em petróleo, um emirato qualquer do Oriente e das Mil e Uma Noites, pois havia um rei usando capas de cetim e se atirando sobre enormes almofadas de penas de cisne, príncipes endinheirados rolando em limusinas e comprando inutilidades caríssimas, haréns de belas mulheres, infelizmente invisíveis.

O rei tomava todas as decisões, não saberemos se de sua própria vontade. De vez em quando reunia uma assembleia, conselhos de ministros, conselhos de Estado, coisas assim. Ficavam todos os participantes na expectativa, sem tomar a palavra nem fazer um gesto, a respiração em suspenso, até algum adivinhar pelo semblante do soberano o seu desejo. E o vivaço expressava opinião. Quando acertava, o rei sorria para ele, um sorriso muito fechado. Era suficiente para o sortudo provocar a inveja dos outros. E todos já sabiam o que dizer, repetiam quase em coro o discurso do primeiro, ajudando a sesta real. Se, pelo contrário, o primeiro atrevido dissesse algo fora da sintonia, o ar do soberano ficava ainda mais fechado e o atrevido ruminando medos atrozes. Finalmente o rei dava por encerrada a reunião, ditando as suas conclusões para a ata. Era a voz total.

Acontecia nesse tipo de reunião, portanto, alguém arriscar «sim» e o rei a seguir dizer «não». Imediatamente muitas mãos se erguiam, pedindo a palavra. Todos para apoiarem aliviada e convictamente o não do soberano. E se alguns tinham dito sim anteriormente, corrigiam o tiro com discursos argumentando a favor do não. Havia pois consensos e mesmo unanimidade: a tal voz total.

Os príncipes assistiam a essas reuniões sem abrirem a boca a não ser para bocejos de tédio. Talvez o pai depois lhes explicasse os diferentes passos dos debates inexistentes e se manifestasse contra alguns dos membros da assembleia. Mas isso era segredo de Estado, ninguém conhecia as conversas privadas do potentado. Nem a imprensa, sempre

paternalmente repreendida por querer descobrir mais que o devido.

O rei morreu. Todos ficaram à espera, sem ousar uma iniciativa. Os príncipes, demasiado novos mas já prudentes, não se manifestavam. Provavelmente haveria conversas nas intimidades dos haréns. Ao fim de uma semana, um dos conselheiros, mais impaciente ou mais afoito, disse sim. Imediatamente se ouviram vozes diferentes. Uns disseram claramente não, outros talvez, um disse porventura, outro se calhar, outro obviamente, outro imagino... até que dez grupos rivais se criaram, cada um apoiando um príncipe. Os príncipes, despreparados, patrocinaram campos opostos. Como as discussões aqueciam, armas foram afiadas. E ajuda foi pedida ao estrangeiro. Um se ligou à potência do Norte, outro à do Leste, outro à do Sul. A Oeste só havia o mar e as potências estavam longe, por esse lado não houve intervenção nem invasões. Exércitos foram formados e entraram em combate. Todos contra todos, numa balbúrdia total. Houve medianeiros estrangeiros, as ONG da praxe vivendo dos conflitos, reuniões onusianas. Ninguém parava a guerra, pois os beligerantes não aceitavam opinião diferente da sua, ou dos seus interesses. E os príncipes, em nome dos quais se combatia, morriam de tédio nos seus haréns, impedidos de passar férias nos lugares da moda.

Acordei antes de assistir ao cataclismo final. Porque se sabia haver negócios de armas e a procura da bomba nuclear por parte de vários grupos, os mais intransigentes.

Concluí para mim mesmo, com medo de falar alto naquela penumbra do despertar: a voz total se tornou numa cacofonia totalitária de vozes. É sempre assim?

A PROPÓSITO DE PODAS

A cena aconteceu à frente da minha casa. Um grupo podava as altas árvores de um largo há muitos anos fechado para obras. Abrindo parêntesis, o dito largo, a ser remodelado ou para jardim ou para lhe aplicarem os já habituais quiosques «destinados a fomentar o turismo» (?), os quais nunca funcionam por se situarem em zona residencial inflacionada de pontos de venda de cerveja, foi condenado a virar uma savana rodeada de chapas de zinco na vertical, com capim alto, onde tudo pode acontecer desde negócios escuros a alívio de necessidades de ordem fisiológico-drogo-sexual. Mas voltemos à poda das árvores ao lado da savana.

Alguns ramos sofreram cortes na parte terminal. Os seis trabalhadores reuniram os ramos cortados numa metade da rua. O camião que os levara, destinado a transportar os restos, estacionou na outra metade, fechando portanto a rua. Lógico, a operação era perigosa para o trânsito. Só um estava em cima da árvore, com a famosa serra mecânica. Amarraram uma corda a um resto dos ramos a cortar, mas na sua base, onde se ligava ao tronco principal. Era um coto de uns dois metros de comprimento e muitos quilos de peso. O trabalhador pôs a serra a funcionar, os outros assistindo. Logo se percebeu o que podia acontecer: o coto caía em cima do camião, coberto com a respetiva lona. Ninguém fez contas, mandaram. O ramo foi mesmo cortado, a inútil corda a agarrar a base, que ninguém puxou. Pela lei da gravidade, o tronco veio a direito e furou a lona do camião, caindo lá dentro. Objetivo cumprido e sem trabalho sequer de carregar o peso para cima do camião. O rasgão na lona? Ora, simples dano colateral, como diriam os americanos dos muitos civis mortos em todas as guerras que vão fazendo pelo mundo. Ainda por cima agora não é época de chuvas, pode andar o camião com a lona rasgada. E depois, a lona não é deles nem do fiscal que dirigia a operação, é do Estado, não pertence pois a ninguém, podemos estragar. Por isso todos riram quando o tronco furou a lona. Mesmo o utente da serra, arriscando-se a deixar cair o pesado instrumento

por não resistir às gargalhadas.

Típica cena luandense, dirão os mais conformados.

A propósito de podas, recordo uma cena que já contei. Nos primeiros anos da Independência, um comissário municipal foi fazer uma «pós-graduação» em gestão urbana na antiga Jugoslávia. Vindo para Angola, mandou podar as árvores em pleno tempo das chuvas. Avisaram-no os velhos jardineiros:

– *Camarada comissário, só se devem podar árvores no cacimbo.*

– *Hábitos de colonos reacionários* – retorquiu o reciclado gestor urbano. – *Estive na Jugoslávia, país que está mais avançado que nós no socialismo. Se estão a podar agora, é porque sabem.*

Assim deram cabo da bela mulemba da minha meninice. Isto não se passou em Luanda e portanto não podemos deitar culpas a tudo o que sucede mal no país apenas aos kaluandas e seus administradores.

Sejamos otimistas na questão das podas. Como já verificámos, somos uns tremendos boelos nesses trabalhos. Porém, certamente não faltarão gestores urbanos a propor cursos de poda a uns tantos sobrinhos ou primos, nas capitais da Europa ou até, se os santinhos ajudarem, nos Estados Unidos. Aí é que se poda bem, com modernidade! Virá tecnologia de ponta, o que significa importação de material rolante, escadas móveis e serras leves de última geração. Boas comissões em perspetiva. E que se danem os velhos podadores, uns analfabetos imbuídos de espírito saudosista, trabalhando com catana e sabedoria da tradição!

OS BALANÇOS

Os balanços são apreciados. Não me refiro apenas aos balanços económicos ou financeiros, com os quais os poderosos que decidem sobre os nossos amores possíveis ou impossíveis, as nossas crenças e até mesmo os nossos gostos culinários ou sexuais se regalam ao constatar como as suas empresas progrediram ou as suas contas bancárias inflacionaram. Passados duros momentos de alarme (para nós apenas), esses chefões viram as setas todas apontar para cima no decurso do ano. Aliás, considero-me perfeitamente incapaz de compreender o amontoado de listas e números, sobretudo se ultrapassam os mil de qualquer coisa, quanto mais se falam de triliões. Para mim, um trilião são dois universos juntos, o nosso e o outro, o escondido, talvez de matéria negra, quem sabe? Por isso, os balanços causam-me apenas a sensação desagradável de ter sido mais uma vez enganado sem sequer perceber como me meteram a mão no bolso. Reconheço incompetência.

Quero falar dos balanços que as instituições e os poderes políticos, desde governos a comissões de moradores de prédios, fazem anualmente. Felizmente para nós, pobres cidadãos que deles dependemos, os balanços são sempre positivos. Por isso não compreendo como podemos ficar descontentes ou andar sempre macambúzios, de bolsos furados. Se tudo corre sempre bem e os balanços foram favoráveis, porque resmungamos com a carestia da vida, ou a opacidade do futuro? Nós, os pequenos, somos incuravelmente pessimistas, caso para psiquiatria. Pois então não ouvimos as notas positivas emanadas dos balanços? Até mesmo uma comissão criada para um problema que desconseguiu de resolver apresenta balanço positivo e abre champanhe na hora de prestar contas (verbais, porque as monetárias ficam só para alguns, os mesmos de sempre). Somos pessimistas e ingratos, invejosos de os ver sempre a beber champanhe. Desconfiamos dos que apresentam os balanços, os nossos chefes bem-amados. É evidente, merecemos o inferno em que vivemos. Sem champanhe.

Divirto-me muito a ouvir ou ler o balanço feito a visitas ao estrangeiro de membros do Governo ou delegações de qualquer tipo, desportivas, diplomáticas ou culturais. As viagens são sempre positivas, alcançando resultados de que só o futuro mostrará a magnitude. Como temos fraca memória, no futuro nunca lembramos os termos de referência dessas visitas positivas. Sem dúvida que os viajantes oficiais compraram bué de coisas que metem no país sem pagar impostos, comeram nos melhores restaurantes de borla e trazem imensas aventuras para contar. Dos resultados extremamente positivos para o futuro, nem o rasto vemos. Ainda estou para ouvir ou ler de alguém que tenha ido a uma reunião ou curso de aperfeiçoamento que aquilo foi uma bosta de vaca magra, perdeu tempo e não recomenda aos outros. Que apareça o primeiro.

Ultimamente surgiram balanços em muitos jornais. Partindo do princípio que a década acabou agora (os matemáticos que resolvam definitivamente essa maka, pois parece que é só para o ano), fez-se o balanço da década. Como esses jornais se concentram no Norte (ou seguindo os interesses do Norte), finalmente encontramos balanços negativos. Terrorismo, guerras, crises financeiras e económicas constantes, desemprego em alta, suicídios de ricos (raríssimos, mas servem de índice), tímidas prisões de uns poucos corruptos, enfim, tudo desgraças. Para esses jornais, a primeira década deste milénio é para esquecer.

Pois eu faço um balanço positivo. Por uma vez tinha de ser. Nesta década gozamos finalmente de paz. E o país até cresce muito, apesar dos disparates. Andamos na contramão, já é mania de ser diferente...

CRÓNICA SATÂNICA

Um tipo absolutamente anticlerical, particularmente contra a Igreja Católica. Anarquista pacífico, só de palavras. O primeiro filho nasceu e aos três meses pareceu apresentar no seu sorriso de bebé um rictus satânico. O feliz pai resolveu então ter uma atitude forte, de acordo com as suas convicções profundas. Pensavam chamar Pedro à criança, mas o progenitor desistiu imediatamente. O filho tinha de se chamar Satanás. A dificuldade foi a conservadora, no momento do registo. Que tal nome não podia ser dado. Argumento do pai: os nomes da Bíblia são aconselhados, são ou não? Eram.

Então, Satanás aparece mencionado na Bíblia centenas de vezes, é portanto um nome bíblico. Não podiam impedi-lo de registar assim o filho. A conservadora não tinha grande formação nem prática, provavelmente ainda não beneficiada pelas viagens de troca de experiência em que o país era pródigo, ficando sem argumentos legais perante o insólito. Mas já viu as consequências futuras de usar tal nome, quer a infelicidade do seu filho? O argumento da conservadora não o demoveu. Ele insistiu e ganhou. Não havia lei nenhuma que impedisse o nome, nem o de Diabo, Asmodeu ou Belzebu. A conservadora teve de aceitar.

Quando chegou à idade de ir para a escola, Satã, como era mais conhecido familiarmente, percebeu a troça inicial dos colegas ao ouvirem o nome Satanás Antunes da Silva. A propósito, poderia ter ficado com Satanás do Inferno Silva, que ainda seria mais vulcânico. Satanás, que no fundo era tão pacífico como o pai, mas igualmente teimoso, não esteve com meias medidas. Olhou fixamente para os colegas sarcásticos. Olhou só. Fixamente. E os outros, de repente, aliaram o nome ao olhar. Acharam estar perante um ser satânico. Embora ainda não andassem na catequese, já tinham ouvido na família estórias aterradoras e o conselho, nunca sigas Satanás, afasta-te de Satanás. O novo colega incutiu-lhes medo. Daquele que gela as plantas dos pés. Imaginaram um cheiro a enxofre onde só

havia o do recreio da escola almiscarado de jacarandás majestosos.

O caso correu a escola. Ninguém mais se meteu com Satanás da Silva, mesmo os mais velhos e truculentos. Porque há coisas que não dá para facilitar com elas, te pegam pela mão ou, à falta de melhor, te pegam pelo pé.

O rapaz, se ganhou em reputação de terror, não ganhou em amizades. Apenas se aproximou dele a Sofia, menina-rapaz que sempre recusou usar saias e provocava contínuos choques na escola por ir de calções ou calças, numa época em que as mulheres eram remetidas para o aconchego das casas e para a costura. Não se pode dizer que fossem amigos. Mas conviviam. E Sofia ria às gargalhadas quando os outros a aconselhavam, afasta-te do Satanás. Ela respondia, afinal tens medo do garfo dele, mas por enquanto só o vi utilizar o garfo para apanhar umas batatas ou pedaços de carne que leva à boca, como nós. Ria e ia embora. Ostentava então familiaridade com o membro mais banido da escola.

Ele não lhe agradecia, embora percebesse a intenção. De facto, pouco se interessava por ter amigos, mesmo a Sofia. Ainda não estava na idade de espiar as mamas dela, quando comessem a tentar formatar a blusa, a libido não se desenvolvera. Portanto, a Sofia era uma forma de passar o tempo do seu isolamento.

No fundo, Satanás da Silva desde pequeno estava a ser preparado para melhor suportar e vencer a solidão da vida. Os outros deviam ter inveja dele e não medo.

Porém, as crianças são mesmo imprevidentes quanto ao futuro. Algumas até acreditam nele.

RESSACAS DO MUNDIAL

Confesso não ser assíduo de muito variados desportos. Mas vejo o suficiente na televisão para ter notado uma coisa curiosa. Quase juraria não conhecer outro desporto, quer terrestre, quer aéreo, em que se cuspa tanto como no futebol. Posso estar errado, provavelmente apenas uma impressão. Mas, com exclusão dos aquáticos, onde não se pode notar muito a diferença entre cuspo e água, nos outros parece haver uma vantagem enorme do futebol.

Observem bem um jogo e verão a quantidade de vezes que os jogadores (todos eles, independentemente da origem, nacionalidade ou condição social de partida) cospem para a relva. A princípio, achei ser efeito alérgico, provocado pela própria relva, embora eu, sofrendo de alergias, quando jovem, não cuspiam ao jogar na relva. Nem quando, mais velho, me deitava num parque relvado perto de um lago. Depois me pus a pensar. O rugby e o futebol americano também se passam na relva. E nunca vi um jogador de rugby cuspir, mesmo com os protetores que metem na boca. E o golfe? Exceto o radical, como o é o de Luanda, jogado em terreno castanho, sem relva mas sim capim seco, um «green» transformado em «brown», todo o outro se passa naqueles prados verdes que me dão vontade de ser cavalo só para os mastigar. E nunca vi nenhum golfista andar a cuspir na relva onde joga.

Viram também por acaso o Magic Johnson ou o Kobe Bryant escarrar para a quadra de basket, mesmo em momento de fúria por falharem um lançamento certo? Viram o nervosinho do Mac Enroe ou o controlado Boris Becker lançar saliva no court de ténis? Nunca, never, jamais. Mesmo quando o assustador Mike Tyson levava um murro de lhe partirem dois dentes, cuspiam sangue, dentes e saliva, mas para dentro do balde, no seu cantinho do ringue. Nunca no tapete. Como se fosse uma indelicadeza fazer isso para o sítio onde se pode cair ou, pelo menos, fincar os pés para melhor despachar um adversário.

No entanto, no futebol, o escarro já chega a ser tradição. Mesmo os mais

bem-educados dos jogadores, todos eles desportistas exemplares e campeões do *fair play*, cospem a torto e a direito, imitando cobras, com risco de reboarem depois na mesma relva que vão infestando de escarros. Pergunto-me se não é tática dos treinadores para assustarem os adversários. Quem cospe mais e mais longe, mais perigoso é. O que nos remeteria aos ancestrais viperinos, pois, como todos sabemos, os homens provêm em linha direta dos répteis, como qualquer mamífero. Enquanto os operários, camponeses, arquitetos, imbumbáveis ou professores perderam as raízes, os jogadores de futebol terão recuperado os instintos reptilianos só por causa de andarem aos pontapés a uma bola. Uma boa teoria. Tão boa como outra qualquer. Pois alguém sabe de facto explicar porquê todos cospem? E como ligar o pontapé na bola e a vontade de cuspir? Algum laço haverá, pois um gesto implica o outro. Mereceria um Nobel quem descobrisse a conexão. Nem que fosse preciso escarafunchar a cabeça de centenas de jogadores de futebol. Alguns bem o mereciam, depois de tantas perdas de golo nos momentos decisivos, sobretudo se nem um penalti são capazes de marcar.

Proponho portanto um castigo exemplar, embora repugnante, para os craques: depois de cada jogo, os milionários (mais uns que outros) devem limpar os campos de jogos. Castigo bíblico, pois então! São poupados os que jogam em terrenos pelados, os proletas do futebol. Já lhes basta saírem do jogo enlameados, com o cuspo misturado na terra vermelha.

VISÃO DE GUERNICA

Quando se vai ao Museu Reina Sofia, em Madrid, para ver a Guernica, há duas atitudes possíveis (ou três ou cem). Podem ser mil, sem dúvida, mas eu fixei-me em duas apenas: uma é a dos turistas ávidos de poder contar aos amigos que contemplaram a célebre pintura de Picasso. Esses vão a correr para a sala 8, pois todas as setas indicam para lá, como jovens apressados no prazer sexual egoísta, sem pensar no do parceiro. Outra atitude é a dos velhos, com sua sabedoria de velhos, que deixam durar o prazer do orgasmo, como um final e não uma finalidade.

Com um dia livre em Madrid, assumi a minha condição de velho e deixei-me levar pelo instinto. Vendo primeiro as outras salas, onde também têm pinturas do mestre. Fiz durar ao máximo essa visita preliminar à sala 8 como em ato de amor. Quando, finalmente, entrei no santo dos santos, vi ao fundo o quadro e logo desviei a vista. Fui olhando para os minotauros desenhados, uns acariciando virgens, outros pervertendo virgens, outros só sendo minotauros, pobres desprezados minotauros que já não metem medo a ninguém, retirados da sua Creta natal, onde, aí sim, podiam percorrer labirintos e agora estão prisioneiros de molduras e carvão, apanhados pelo verdugo Picasso.

Devo antecipadamente dizer que deixei de gostar do personagem depois de ler o livro da neta. Até pode ser que ela exagere no seu despeito post-mortem, ou até pode ser apenas sincera por não ter conseguido nunca atrair o afeto do avô. Pouco importa. A figura deixou de ser para mim um herói. Mas deixará de ser um génio? Aos génios tudo se perdoa, mesmo o facto de existirem e persistirem nesse pecado contranatura. E mesmo se não se gosta deles como pessoas, egoístas, agarrados como lapas de rochedo à sua obra, escondendo-a ou destruindo-a se lhes apetecer, muitas vezes retocando-a, retocando-a, até não serem reconhecidos nela, acabamos por lhes perdoar a fraqueza de procurarem imortalidade, por terem fugazes momentos (às vezes um só, mas basta) da sua vida em que fizeram algo que mais ninguém fez nem poderá fazer. O pecado da

futilidade? Só nos génios se perdoa.

Foi assim que me aproximei lentamente de Guernica. Não por medo da desilusão (já tantas vezes vista que não havia sequer ilusão à partida). Finalmente abandonei os minotauros e aproximei-me do grupo de japoneses ou chineses que ocupavam tristemente todo o espaço. Frustrados por não poderem fazer uso da parafernália fotográfica de que vinham profusamente apetrechados, com um guia a proibir-lhes o gesto instintivo de metralharem de flashes e cliques a obra-prima.

Olhei então para ela. Era igual ao que vira há muito e no entanto não era igual. Há algo que os filmes e as fotografias não captaram, ou, melhor dizendo, há algo que não captei nos filmes e nas fotografias sobre Guernica. Não falo do óbvio, do facto de só haver branco e preto e sobretudo cinzentos, naquela austeridade de cores (melhor, na inexistência de cores), que só um luto europeu justifica ou explica e que só um espírito iluminado dispensaria. Falo do que para mim foi novo, a diagonal da esperança que serve de estrutura, linha de força, o que seja que os teóricos de arte chamem àquilo: aquela diagonal que aponta para a luz, as luzes, na escuridão do desespero da guerra.

De facto, não há desespero sem luz, mesmo na guerra. Ou não há luz que não rompa as trevas do desespero.

É sem dúvida uma obra-prima da Humanidade. Precisei de ser velho para ter absorvido inteiramente o génio.

OS FANTASMAS DA EUROPA

A Europa habituou-nos, no decorrer dos séculos, a exorcizar com violência os seus fantasmas. Sobretudo o medo do ente diferente, o invasor bárbaro da História, que a levou a procurar bodes expiatórios para os seus males ou azares. Os mais conhecidos casos, porque explorados hoje até à exaustão, foram as perseguições aos judeus, que com o regime nazi da Alemanha foram elevadas ao escalão máximo de selvajaria. Agora andam alguns governos todos frenéticos atrás de ciganos, etnia que também foi dizimada pelas hostes de Hitler. É claro que não são fenómenos da mesma dimensão, mas signos de regresso ao que ninguém deseja.

O governo francês tem tomado medidas que podem ser consideradas xenófobas, tanto mais chocantes pelo facto de se tratar de um país que já foi farol da liberdade e da solidariedade para com os oprimidos do mundo. Será influência berlusconiana, com seus esgares racistas e apalhaçados? Ou imitação dos movimentos que se agitam na Dinamarca, Holanda, Áustria, etc.? Ou apenas a eterna política de esconder a realidade com ilusionismo, dado o apagão que se verifica no mundo em relação a França, país cada vez mais irrelevante em todos os campos, até mesmo, pasme-se, no cultural, sendo aliás posta em causa a razão de ter um lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU, verdadeiro anacronismo vindo da Segunda Guerra Mundial. Porque o que a França começa a nos mostrar a nível de poder de Estado é sintoma que se encontra em quase toda a Europa, a exclusão ou perseguição das minorias. São muitos os exemplos. Contra os imigrantes em geral, particularmente os do Terceiro Mundo, os muçulmanos, os de tez mais escura, os de línguas diferentes, etc. Discussões sobre mesquitas, véus, seitas, costumes, são pão de que se alimenta a imprensa europeia (e não só). Lá vão escapando os homossexuais, que têm tido vitórias importantes, embora fazendo parte de outro tipo de minoria.

O estado moral de uma sociedade pode medir-se pela maneira como

trata as suas minorias. E isto vale para todos os países e continentes, apesar de só se estar de olho verdadeiramente atento em relação aos atentados às minorias feitos em países mais subdesenvolvidos. Serve-nos de lição. Por um lado, não façamos aos outros o que não queremos que nos façam. Se rejeitamos a diferença, não nos queixemos de ser rejeitados por outros. E neste aspeto não temos ficado muito bem na fotografia, quer no aspeto internacional, sobretudo em relação a alguns cidadãos de países vizinhos, quer no interno, onde não aprendemos a lidar suficientemente bem com as minorias, apesar dos progressos no campo legislativo. Por outro lado, já é altura de começarmos muito claramente a considerar que a Europa, cansada, pouco de bom nos tem mostrado, salvo ilustríssimas exceções. Já nos ensinou a caça aos fantasmas, com o tráfico de escravos e o colonialismo. Há pouco tempo queria ensinar-nos a fazer paz, no que desconseguiu: aprendemos por nós próprios. E nem sequer tem tido grande sucesso nos mambos internacionais em que procura se imiscuir. De facto, não conheço nenhum êxito. É portanto altura de exorcizarmos também os fantasmas da nossa elite dirigente estrangeirada e pensarmos antes de tudo no nosso papel, aqui, ou a partir daqui.

O filósofo grego Sócrates ensinou o conceito «Conhece-te a ti próprio». O ancião estava cheio de razão. Temos de conhecer o que somos, para depois ajudar os outros e com eles mudarmos o mundo, numa nova Revolução. Com ideias claras, sem fantasmas alheios.

CRÓNICA DE PARIS

Paris já não é uma festa, Hemingway enganou-se ou foi festa apenas no tempo dele. Há muito o sei. É uma cidade dura para quem tem de trabalhar lá (como pude constatar em tempos já muito antigos) e tem aspetos desagradáveis para quem a visita. Franceses a mais, para repetir o lugar-comum. Parisienses a mais, corrigem os outros franceses. Mas isto são brincadeiras de pouco sentido. Sendo mais realista, apresenta uma tensão no ar que tem a ver com o facto de ser uma cidade com grande disparidade étnica e não ter sabido integrar essas diferenças de forma harmoniosa. Tornam-se claras as chispas de incómodo ou mesmo camuflados relâmpagos de ódio e violência, quando há um confronto, mesmo superficial, entre os que parecem franceses de origem e os outros. Como se os conflitos estivessem em todas as esquinas e só por acaso não rebentam. Pode ser isso a fazer as pessoas terem ares crispados na rua, sempre à espera do pior. A incomodidade ganha realidade inquestionável no Metro, onde são frequentes discussões entre os que parecem diferentes entre si. Podem não ser, basta parecer.

No entanto, se ultrapassamos ou ignoramos essa tensão subjetiva, a cidade terá então a oferecer os seus pontos fortes, que são muitos. E sobejamente conhecidos porque sempre vendidos para o turismo. Não será por acaso que a França é o destino número um dos turistas e Paris a sua capital e motor. Há às mãos cheias, quando o tempo ajuda. Infelizmente nem sempre a Natureza está disposta a isso, a chuva ou a neve contribuindo para acinzentar uma cidade feita de luz. De facto tem-na. Roma também ou Lisboa. Mas a luz de Lisboa vem do sol, a luz de Paris vem da pedra das construções, diferente do tijolo de Roma. Provavelmente chamaram-lhe cidade das luzes mais por causa dos cérebros que se reuniram em tempos que já lá vão. As luzes serão as do espírito, das artes e da filosofia em particular. Mas a cidade física acaba também por parecer irradiar uma luz especial, como São Petersburgo aliás. Há de facto cidades assim. Mas em São Petersburgo a neve fica-lhe bem, enquanto a ideia de

neve que tenho de Paris é qualquer coisa que suja e atrapalha. Será por más experiências pessoais, pode ser.

Adorava os bistrôs parisienses. Eram o refúgio ideal para descansar as pernas, quando passeava a pé. Aliás, era fantástico andar a pé por Paris, quando o sol se dignava presentear-nos com a sua presença. Mas agora os bistrôs obrigam-me a bater em retirada, pouco tempo depois de lá ter entrado. Porque hoje se tornaram asilo para os fumadores, cada vez mais segregados em covis pela onda americana do ecologicamente correto. E como deixei de fumar e o fumo alheio hoje me incomoda até ao insuportável, não aguento os bistrôs, entro para uma cerveja ou um copo de vinho novo e saio a correr, sem ter descansado as pernas. É uma perda amarga. Mas nada se pode fazer, por um lado contra as alergias de velho e por outro contra os vícios que não temos moral nem o direito de condenar, uma vez libertados deles. Gostaria de ser solidário para com esses últimos moicanos (mais mulheres que homens) fumegantes, mas de facto fazem-me sofrer e conseguiram repelir-me dos seus antros sagrados.

Por isso o vinho Beaujolais acabado de chegar dos produtores já não me sabe como no século passado em que fumava com os outros e degustava as primícias do outono. Uma sorte apanhar no Quartier Latin um bistrô vazio num frio dia de sol. Já aconteceu. Sorte para mim, azar para o comerciante. Como em tudo na vida...

OS GATOS PODEM SE MANIFESTAR?

Um gatito apareceu um dia no nosso quintal. De abuso, ninguém lhe tinha convidado. Pensei em ir atirá-lo no fundo da Ilha, onde há sempre restos dos restaurantes e suficientemente longe de casa para não aprender o caminho de volta. De fome não morreria, se evitasse outras mortes. Mas ele era engraçado, sem medo do cão nem das pessoas. E o cão adotou-o. Ficou, que remédio. Cresceu. Notámos logo a diminuição de ratos no quintal, tentando entrar em casa. Um dia o gato desapareceu, deixando um vazio. Mais tarde uma gata vadia pariu no quintal, entre as plantas. Os gatitos cresceram e deixámos, na esperança de domarmos algum. Até procurávamos seduzi-los com comida, pois eram muito esquivos, medrosos ou desconfiados. Tinham as suas razões para desconfiarem dos humanos. Desapareceram também. É lógico, na vizinhança há quem não goste de gatos, embora haja ratos que chegue. Havia também umas obras e parece que os trabalhadores gostam de atirar ferramentas aos bichos. Pode ser a causa.

Ouvi agora dizer, os gatos do bairro, cansados da perseguição contumaz saldada em desaparecimentos constantes, querem preparar uma manifestação de protesto, reivindicando direito à vida. Será no largo em frente da nossa casa, acabado de inaugurar? Se a manifestação gatil for com a habitual gritaria redundará numa chatice, pensei eu. Basta um casal nos seus jogos de amor para não nos deixar dormir, que seria de um concerto de vinte ou trinta gatos adultos cheios de adrenalina? Trocámos impressões em casa sobre a posição a tomar, no caso de haver mesmo manifestação. Soltamos os cachorros domésticos? Chamamos a Brigada Canina, composta por elementos mais treinados para situações semelhantes? Metemos rolhas nos ouvidos e deixamos andar? Liberais, optámos pela última posição.

No entanto, como agora as manifestações de rua só são permitidas no perímetro da cidade, em particular no fundo da Ilha, onde fácil será atirar todos os protestantes ao mar, sem ponto de fuga, o que acontecerá aos

gatos refratários que querem reclamar aqui bem no centro da cidade? Vão ser confundidos com coelho e servir de repasto dos apreciadores? Copiando os saborosos cabrités, trazidos pelos malianos numa forma diferente de assar pedaços de cabrito, a imaginação angolana é capaz de inventar o gaté, não me admiro. Ou então faz-se como quando acontecem manifestações ruidosas no centro da cidade, impedindo o trânsito normal, mas sendo a favor do regime e, obviamente, as autoridades fecham os olhos, pois essas são constitucionais. Acho justo que as manifestações felinas também devam ser consideradas constitucionais, é um direito que lhes cabe, segundo as normas da ONU. Mostrem um artigo de qualquer lei proibindo manifestações de gatos. Se houver, só na China, pois aí os gatos e cães nem têm tempo de refilar, são logo comidos. Mas nós temos outra cultura, defendemos os nossos amigos peludos. Será?

Vou preparar argumentos jurídicos de peso e levar esta discussão à vizinhança, pois sempre há almas sensíveis que poderão compreender os considerandos, se não legais, pelo menos emotivos. No entanto, há umas senhoras kuribotas, sempre de telefone pronto a disparar, intrigando na polícia. Poderemos convencê-las também a aderir na defesa dos direitos felinos? São daquelas que gostam de usar bonés e andar a gritar nas ruas, quando é a favor. Espero que desta vez deixem os gatos protestar seus receios, mesmo sem bonés nem camisolas a louvar o regime que estamos com ele.

MULHERES... MULHERES

Duas donas muito próximas me vieram contar a mesma estória. Paradas por um polícia de trânsito e ao indagarem se tinham feito algum erro, ouviram do agente a mesma justificação: temos de controlar os documentos, é que agora as mulheres estão a cometer muito. Temos a ideia, talvez errada, que as mulheres conduzem com mais prudência, chegando mesmo a dificultarem a fluidez do tráfego pela sua lentidão, que se não enganam quanto aos sinais e respeitam as prioridades, que nunca se enervam nem insultam os outros motoristas, etc., etc. Pois, a julgar pelo que dizem estes polícias, elas cometem cada vez mais infrações, começando por não terem carta de condução (as mantidas por algum ricoço ou poderão local), não usarem documentos das viaturas e se especializarem em manobras perigosas neste já catastrófico trânsito luandense. Pasmeei, mas eram duas testemunhas independentes.

Não tenho dados para discutir se têm aumentado os atos ilícitos ou criminalidade por parte das mulheres. Claro, conheço casos de senhoras apanhadas em tráfico de drogas nos aeroportos e homicídios praticados por elas, alguns mesmo com relevância mediática. E, de vez em quando, presencio cenas de pancadaria envolvendo as «divinas», embora nunca em estádio de futebol, apesar de aumentar o número de assistentes femininas nos desafios. A violência no futebol parece ainda ser atributo masculino.

Opinião diferente terá o meu vizinho Aguinaldo, mais de uma vez cosido no hospital pelo facto de a esposa, apesar de ser do tipo espinha de peixe, lhe pancar com o pau de bater funji quando ele vem para casa muito toldado pelo kaporroto. Pelo menos duas vezes lhe abriu a cabeça, contas da vizinhança.

Algum cínico dirá, uma das vantagens de mulheres cumprirem penas nas cadeias é assim ser possível celebrar o concurso de «Miss Reclusa», instituição inventada não sei por quem, mas sem dúvida de grande mérito. É vê-las andando numa passerelle improvisada, todas produzidas, aplaudidas pelo estabelecimento em peso. E, por vezes, com direito a

passar na televisão. Ao menos, enquanto estão nessa diversão, esquecem de cometer mais alguma.

Aguinaldo, que não é falho de informação, culpa a modernidade pelo seu sofrimento. Antes, diz ele, as mulheres ficavam em casa ou na lavra, não aprendiam essas coisas, depois começaram a ir à escola. Agora até já andam com aqueles SUV de cem mil dólares ou vão à lipoaspiração no Rio de Janeiro para poderem se empanturrar de funji com «champanhe de lacinho» todos os dias. Está evidentemente a exagerar, fruto da raiva e do medo em relação à magrinha da mulher, só uma minoria tem essas possibilidades de succões e empanturranças.

Mas de facto é possível que haja mais crimes e abusos cometidos por elas, como há mais licenciadas e mais deputadas ou ministras ou juízas. Por outro lado, se as mulheres continuam a sustentar dois terços das famílias do país, ou trabalhando nas lavras ou zungando pelas ruas das cidades, enquanto os maridos fingem que trabalham e estoiram parte do orçamento familiar na bebida, então também não têm o direito de cometer? A paciência se esgota mesmo. O uso do pau de funji de vez em quando não é afinal justo quando cai naquele imbumbável do Aguinaldo que só gasta o que não ganha? As mulheres estão a progredir na consciência dos seus direitos. Mas também a cometerem? Só faltará mesmo montarem uma quadrilha para assaltarem bancos? Pois se os homens os roubam à descarada...

E com este final dou o salto do gato e me livro da afrontosa acusação de machista.

LUTA INCERTA

O título remete a um livro de John Steinbeck nos tempos da Grande Depressão, primeira metade do século XX. Hoje assistimos de novo a uma luta incerta, mas agora entre «austeros» e «crescendistas». De um lado, economistas, governantes e alguns comentaristas (esses que estão sempre a mandar bocas por todo o lado, muitas vezes sem estudo nem fundamento), os quais defendem a austeridade financeira para os países endividados para lá de limites considerados decentes. Do outro lado, os que apostam no crescimento económico, com os respetivos governos (ou os alheios, se os seus estiverem quase falidos) a investirem no desenvolvimento, única forma de obterem dinheiro extra para pagar as dívidas. Se não houvesse pelo meio tantos dramas individuais, tanta miséria e frustração, era caso para se dizer que o combate, além de incerto, é extremamente interessante de seguir. Como se pudéssemos nos alhear dele, resguardados numa redoma de insensibilidade.

A maka é que toca a todos o resultado das asneiras que andam a fazer lá pelo Norte, com a senhora Merkel querendo recuperar para a Alemanha a glória do Império Germânico e conquistando todos os castelos a leste e a oeste, e alguns mais prudentes a dizer que assim não dá, vai provocar uma bronca danada, com gregos a queimarem bandeiras nazis hoje e amanhã a aperfeiçoarem espadas e catapultas, seguidos pelos exaltados espanhóis, machos de puxar logo pela faca, e talvez até de barulhentos italianos, sempre prontos a cantarem tragédias. No outro lado do tabuleiro, neste momento, curiosamente, o governo de Obama, apoiado por muitos prémios Nobel, defende para a economia mundial um sistema próximo do que se poderia chamar uma social-democracia, pelo menos as teorias recuperadas de Keynes; logo contrariado pelos austeros do Congresso, que lhe cortam as vazas quando se fala em aumentar impostos dos ricos e distribuir melhor os proventos pelos pobres, considerados preguiçosos e incompetentes e, por isso mesmo, pobres.

Como vai acabar a luta? Os «austeros» conseguirão mais uma vez

dominar o que lhes vai restando de poder? Ou os «crescendistas» poderão evitar por algum tempo o que parece inevitável, o declínio do chamado Ocidente?

Quanto a nós, seria bom ficarmos prudentemente a guardar forças para o futuro. E gastar corretamente o dinheiro que vai jorrando. Porque nunca se sabe quando teremos de novo de amarrar as calças com corda. Por isso estranho a atração fatal de alguns ricalhaços cá da banda que querem agora comprar castelos na Europa, a pedido de alguns governantes meio falidos a precisarem de dinheiro vivo. Não seria melhor porem a render os milhares de hectares que conseguiram registrar em seu nome e servem apenas para dizerem que são latifundiários? Ao menos dariam emprego a mais gente e o país não precisava de importar comida. Mas o melhor mesmo era se essas terras fossem repartidas pelos camponeses que as possuíam em comunidade e as querem trabalhar, oferecendo apoios estatais para vencerem concorrências desleais, do exterior mas também de dentro. Ou os nossos ricalhaços poderiam fazer fábricas de produtos que faltam cá, mesmo se no princípio não abunda capacidade de gestão, pois os filhos estão a estudar e poderão assessorá-los. Porém, isso é maka dos privados, torrem o dinheiro como quiserem.

Mas o Estado, senhores... Com o dinheiro que é nosso compra ações em bancos quase na falência, mete-se em negócios que desconhecemos, via empresas públicas. Em países onde o nosso dinheiro só desperta inveja e ofensas de certos comentaristas frustrados. Será complexo de colonizado? Ou masoquismo?

A VERDADEIRA RIQUEZA

A OCDE publicou recentemente um estudo onde relacionou a qualidade da educação e o aumento do PIB de países se dedicando quase exclusivamente à exploração dos recursos naturais, particularmente mineiros. Por um lado colocava na relação os resultados do chamado PISA (Program for International Student Assessment), o qual de dois em dois anos testa os conhecimentos em Matemática, Ciências e Leitura de alunos com 15 anos de idade, estando portanto no ensino secundário. Podia ser esta idade como outra qualquer. O PISA aplica-se em cerca de 65 países (Angola não incluída, vale já a pena dizer). Por outro lado, na correlação entrava a composição do PIB, particularizando as fontes de receita, no caso vertente, as minerais.

Dito de outra maneira, a pergunta a que o estudo se propunha responder era a seguinte: será que os alunos do ensino secundário são melhores em matemática, ciências e leitura, à medida que o seu país vive das receitas do subsolo, em particular petróleo ou ouro? Ou não?

Se estavam à espera de uma resposta positiva, enganam-se redondamente. De facto, o estudo mostrou que existe uma correlação mas significativamente negativa entre as riquezas naturais extraídas e as competências e conhecimentos adquiridos nas escolas. Quer dizer, quanto mais petróleo ou outro produto da terra é retirado menos competentes são os alunos do secundário. Como se essas riquezas toldassem os cérebros! Os resultados mais baixos encontrados pelo PISA foram no Qatar, Cazaquistão, Arábia Saudita, Kuwait e Omã, paraísos de petróleo. Nem é necessário fazer o estudo aqui em Angola para se ver que o nosso país confirma a tendência.

Entretanto, os mais altos resultados encontrados pelo PISA foram em Singapura, Israel, Finlândia, Coreia do Sul, Taiwan, Japão e Hong Kong, todos conhecidos por não terem recursos naturais, sendo alguns desérticos ou gelados, outros praticamente plataformas rochosas de onde se não tira nada. E, no entanto, os seus alunos são os mais competentes nas áreas

estudadas. Uma primeira conclusão a tirar é que os livros são mais profícuos para o desenvolvimento que as riquezas minerais, pois os deste contingente são países onde os povos auferem de grande bem-estar material, considerados desenvolvidos.

O estudo levou-me a refletir sobre uma coisa que há muito dizemos entre nós: o petróleo é a nossa desgraça, como antes foi o café e antes ainda o tráfico de escravos. Sempre extração da Natureza, resultando em riqueza para poucos e empobrecimento do país.

Talvez seja possível dar a volta ao destino. Talvez. Mas isso passa forçosamente por um trabalho muito sério na melhoria do sistema de ensino e na sua expansão. Não com a multiplicação de «universidades» que delas só têm o nome e são dos melhores negócios de momento. Mas com a aposta num ensino exigente, sem paternalismos, de qualidade permanentemente controlada, com professores motivados por boas condições de trabalho e de vida. Se o setor do ensino consumir um terço do orçamento do Estado e esse consumo for testado para que não haja fugas ou desvios, certamente numa ou duas gerações aplicaremos aqui também o PISA e não sairemos envergonhados do desafio.

Para isso, seria preciso vontade política de abandonar o subdesenvolvimento, palavra hoje tão incorreta politicamente que até a indolente ONU a vetou no seu dicionário. O ensino, e não o petróleo ou o míssil atómico, é a verdadeira arma para o bem-estar das nações. Há muito se diz. Poucos o ouvem. Menos ainda o aplicam. É pena.

AINDA HÁ LADRÕES HONRADOS

Quando uma pessoa ouve ou lê uma boa estória, fica com saudades de um tempo que talvez nunca tenha existido. Por exemplo, o tempo dos ladrões honestos, género Robin dos Bosques ou Ali Babá. Os tais que só roubavam os grandes ladrões. Infelizmente, na realidade, deparamo-nos sobretudo com os grandes ladrões que não são castigados, nem sequer pelos pequenos lhes aliviando um pouco o bolso. É mesmo de acreditar na ausência da justiça. De repente, no entanto, surge uma notícia e lá voltamos nós a ter esperança, talvez a Humanidade não esteja perdida definitivamente para os liberalismos de nome, os tais que enriquecem os ricos e mais empobrecem os pobres, o tal liberalismo que só autoriza os grandes latrocínios, tão grandes que até mudam de designação e se tornam respeitáveis. O capitalismo que estamos com ele. Mas vamos lá acender a réstia de esperança.

Num desses países avançados do Sul, Austrália ou Nova Zelândia, um larápio roubou a carteira e um telemóvel de um cidadão. Ao analisar os resultados da bem-sucedida operação, descobriu no telemóvel furtado fotografias de pornografia infantil. O gatuno entrou numa daquelas situações de encruzilhada, como os grandes caminhantes dos nossos matos. Que faço eu, vou pela direita, pela esquerda, sigo em frente? Porque tinha descoberto um criminoso maior que ele próprio. Embora fosse reincidente, com vários julgamentos e mesmo prisão por ladroagem, se considerava pessoa de princípios, talvez (não pude confirmar) até de formação religiosa. Em época de crise, mesmo em país rico, há alguns que têm de recorrer a métodos menos corretos para se manterem vivos. Esta seria a sua justificativa para as aventuras mais ou menos perigosas em que incorria. Nada comparáveis a um miserável que abusa de crianças e ainda pode ganhar dinheiro com isso, vendendo vídeos ou fotos a outros tão malucos como ele (os doidos que me desculpem a força de expressão, mas este tipo de gente não é só «perturbada mental», é maluca mesmo, maluca furiosa).

O ladrão tinha vontade de denunciar o pedófilo. Mas isso significava reconhecer o seu próprio crime e ir mais uma vez dormir numa cela, embora nesses países as cadeias sejam melhores que os quartos dos nossos hotéis de três estrelas. Além de piorar em muito o seu cadastro, que, como sabemos, vai ficando mais vermelho à medida que vamos sendo condenados. Ele que apreciava a liberdade de dormir ao relento, mesmo com um friozinho vindo do Polo Sul. Levou uma noite debaixo da ponte a matutar sobre o caminho a seguir. Para a esquerda, para a direita, em frente? Acabou por ser iluminado pelo espírito das encruzilhadas, como os que temos aqui.

Arriscando a liberdade, apresentou queixa à polícia, por não poder aceitar pedofílias. Teve um processo sumário. Apanhou só um mês de cadeia, por ser um homem de princípios, segundo o juiz. Claro, ficou com o curriculum mais manchado, mas não se importou com isso, pois um benemérito (ou caçador de talentos inteligente) lhe prometeu emprego, queria na sua loja pessoa honesta e com conhecimentos sobre furtos, um especialista afinal.

Desconheço o fim do pedófilo, mas apanhará pena muito mais forte, espero. Azar!, terá pensado o criminoso maior, não basta ser roubado, ainda lhe apanham com provas graves no telemóvel. Bem feito, diria eu.

Só é pena certos banqueiros, especuladores de agências de ratos, e outros ladrões de casaca e lacinho preto, não serem apanhados da mesma maneira. Já que pelas regras do capitalismo são inimputáveis mesmo se condenam à miséria populações inteiras...

PASSOU O TEMPO DOS PARTIDOS?

Um humorista italiano, Beppe Grillo, ganhou algumas câmaras municipais em Itália. Já antes o excêntrico Berlusconi fartou-se de reinar em Roma, criando e desfazendo partidos da noite para o dia. Na Grécia, um antissistema de esquerda ameaçou ganhar as eleições, pondo de parampas toda a União Europeia. Já há tempos um palhaço foi eleito para deputado no Brasil (nunca mais ouvi falar dele, talvez por ter deixado de usar o nariz vermelho). Na circunspecta Alemanha, o Partido dos Piratas vai crescendo e pode mudar os equilíbrios do poder (eles só querem ter a liberdade de copiar e fazerem downloads na Internet sem serem chateados). Alguns exemplos de como a política já não é a *secura* a que estávamos habituados e enveredou pela imaginação libertária. Ao menos, uma nota de pimenta na rigidez do fato e gravata.

Não escondo a admiração que nutro pelos que rompem os sistemas e têm a coragem de parecer extravagantes para, pelo menos, animarem a maralha. A vida seria uma monotonia intragável sem eles. Agora, por culpa dos mesmos de sempre, essa tendência vem ganhando a política. E me divirto a ver os aparelhísticos (isto é, aqueles que vivem dos aparelhos partidários, género um jotinha que não estuda nada e vai fazendo a sua vidinha na Juventude do Partido, esperando ter idade para ser promovido para o Partido, aos pulos e gritos de apoio ao chefe nas manifestações de boné na cabeça, de preferência com uma estrela, até conseguir uma ascensão no próprio Partido e acabando por morrer, sem dentes, mas membro do Comité Central, uma vida recheada de vitórias e felicidade pelo dever cumprido!). Os partidos são cada vez mais aparelhos desumanos, constituídos de instrumentos e peças, sem sangue nem nervo. Por isso, quando se vislumbra no horizonte qualquer coisa como uma máquina de reciclar ou compactar os instrumentos, eu fico com esperanças, um partido a menos.

Dirão que esta minha anarquia não é democrática. Porque algumas boas almas acham (sem provas) que a democracia só pode existir através dos

partidos. Cada vez estou mais convencido que alguma democracia sobreviveu, pelo contrário, apesar de haver partidos. Perdoem a sinceridade.

Os aparelhos partidários são tudo menos democráticos. Dependem sempre de quem muda o óleo das peças. E quem muda o óleo é o chefe. Portanto, os partidos dependem dos humores, por vezes bastante voláteis, do manda-chuva. E o subchefe mais o sub-subchefe, etc. não abrem a boca contra qualquer ideia maluca do chefe. E este a pôr óleo... Até se chatear e mandar a peça para a sucata, sendo reciclada em dois jotinhas a brilhar de novos.

Por isso só posso me divertir, com uma ligeira esperança mal expressa, quando aparece um iconoclasta a derrubar as muralhas bem aparelhadas dos partidos e dos sistemas políticos, com propostas consideradas excêntricas, inadaptadas, ainda menos realistas, etc., enfim, tudo maneiras de dizer que o diferente não tem razão nem direito de se manifestar. Advogo o direito de os gatos se manifestarem e só espero que algum cacimbado-apanhador-de-lixo-num-contentor se atreva a candidatar-se a um posto público. Votarei nele. Só para chatear. Pois a Revolução Francesa foi feita sem partidos e tudo corria bem até esses aparelhos surgirem enferrujados à nascença, e lixarem tudo. Até hoje. E não venham com histórias da carochinha, género a democracia grega ter sido feita com partidos, há mais de dois mil anos. Nem eram partidos nem era democracia, pois só existia para uma minoria de cidadãos, todos masculinos.

Alguém viu a democracia a passar aí?

OS SAUDOSISTAS DO TRÁFICO

Recente notícia chamou a minha atenção. Mais, conseguiu tirar-me do sério. Vejamos: O muito importante senhor diretor-geral da Câmara de Comércio e Indústria da África do Sul, Neren Rau, no 37.º Congresso Internacional das Pequenas Empresas, em Joanesburgo, declarou que, face ao envelhecimento das suas populações, cada vez mais os países desenvolvidos contratam quadros africanos. «África está bem posicionada e pode potencialmente fornecer mão de obra ao resto do mundo [...] devemos reexaminar os nossos sistemas educativos e as competências que eles criam, para saber se são suficientemente competitivos e responderem às normas internacionais, satisfazendo assim as exigências desses países.» Mais terá dito o douto senhor, mas para mim basta.

Numa altura em que se debate e trabalha em África para vencer a pobreza e se criar um desenvolvimento sustentável, e com muito poucos países se aproximando das metas apontadas, vem este crânio, certamente PhD por muitas e prestigiadas universidades, dizer que devemos continuar a ser um continente de exportação. Primeiro foram matérias-primas, ouro, marfim, ao mesmo tempo milhões de trabalhadores na forma de escravos, depois trabalhadores na forma de emigrantes esfomeados, muitos dos quais morrendo no caminho, sempre acompanhados pelas matérias-primas de que se alimenta a indústria do Norte. Quando agora se tenta a via do desenvolvimento e começam a vislumbrar-se alguns tímidos sucessos, surge a ideia de que o futuro do continente será de novo, na mente brilhante deste africano (?), a exportação de pessoas, mas, batam palmas!, desta vez não emigrantes analfabetos e aceitando as mais ultrajantes condições de trabalho e vida, mas cérebros bem formados, com todas as garantias de qualificação dadas pelas instituições de avaliação do Norte. E, claro, formação paga pelos países africanos, financiando instituições de ensino segundo o modelo aceitável pelos outros e não para as nossas necessidades, sem o objetivo de contribuírem para o crescimento das respetivas regiões, mas para taparem os buracos criados pelo facto de no

Norte desenvolvido as pessoas desdenharem a trabalhadora e responsabilidade de ter filhos. Eis a nova matéria-prima, depois do escravo, da madeira rara, o algodão, o petróleo ou o diamante, finalmente o doutor de exportação.

Como quem publicou a notícia não fez nenhum comentário, permito-me: o senhor Neren Rau devia ir à frente e já, mostrando o caminho da exportação. África não precisa certamente de gente desta. Infelizmente há quem o oiça e no citado Congresso terá até tributado palmas (o jornal não refere o facto, ficamos sem saber se foi uma apoteose, se simples palmas de circunstância).

Pois é, tá-se mal. Já não bastava a crise dos outros, sem saberem onde encafiar tantos desempregados, por isso lhes apontando os países do Sul como solução, ainda aparece quem, com responsabilidades dadas pelo cargo que ostenta, proponha a continuação da dependência, embora já não usando o nome vergonhoso de «novo tráfico de escravos». Também já há uma certa vergonha, verdade seja dita.

Antes que tão peregrina ideia pegue, era bom salientarmos o que ela tem de verdade, isto é, precisamos de ser rigorosos na preparação das novas gerações, exigindo ensino de qualidade e sem facilitismos de péssima memória. Mas para usarmos cá dentro os trabalhadores formados, com boas condições de trabalho e de vida. Só assim nos desembaraçaremos das ideias dos Neren Rau e outros do mesmo quilate, infelizmente abundando pelo continente.

AUTORIDADES TRADICIONAIS

Sempre defendi que devíamos respeitar os valores positivos trazidos de geração em geração pela tradição, valores de solidariedade, comunidade, hospitalidade, consenso, respeito pelos mais velhos e muitos outros.

No entanto, no que diz respeito às chamadas autoridades tradicionais, acho ser necessário saber distinguir as coisas. Uma, é respeitar as autoridades que têm influência sobre populações de várias áreas e cujo poder resistiu ao verdadeiro etnocídio cometido pela potência colonial. Outra, é tentar reinventar o que já passou e não se adequa aos novos tempos. Quando se fala em sobas ou somas ou muatas, o nome que se queira, para autoridades que ainda têm prestígio em algumas regiões, falamos nos que resistiram à opressão colonial e não nos «regedores», nomeados e impostos às populações pelos governantes da época. Falamos dos que ficavam na sombra, designando uns fantoches para serem apresentados à administração e sofrerem todos os vexames e castigos corporais, assim mantendo intocado o prestígio do seu cargo. Só em alguns sítios bem localizados esses verdadeiros sobas se mantêm e defendem os seus súbditos.

Mas agora surgiram do nada milhares de sobas, mais de quarenta mil dos quais recebem salário do Estado. Só em Luanda existem dezassete sobas, quando o único que é conhecido de sempre é o da Ilha, antes representante do rei do Kongo, proprietário do território desde a noite dos tempos. De onde saíram os outros dezasseis?

Aliado a isto surge a moda de alguns sobas se intitularem reis. Já temos mais reis que toda a Europa junta e todos a quererem mandar mais que a soberana da Inglaterra. Ultimamente tem sido muito apresentado na imprensa o rei dos Bayaka, grupo étnico da fronteira com a República Democrática do Congo e extravasando para o outro lado, com o pomposo título de rei do Uije. É caricato, pois Uije como entidade política nunca existiu, é apenas uma província, designação administrativa que mantivemos do tempo colonial. E os Bayaka são uma pequena parte da

população da província. Os jornalistas podem não saber, nem todos tiveram oportunidade de conhecer a nossa História, mas o governo tem de saber. E o grave é deixar passar e repetir o erro. Qualquer dia vamos ouvir de um rei do Kwando-Kubango ou de Benguela, que nunca existiram. Porque não um rei de Angola, já agora? Experimentalismos políticos são perigosos, e os nigerianos que o digam, os quais não se conseguem livrar dos reis e príncipes que lhes complicam o país.

Os verdadeiros sobas podem exercer funções extremamente úteis para as comunidades e por isso devem usufruir do respeito do seu povo. Mas de forma coordenada com as autoridades administrativas legítimas e sem serem incensados como semideuses.

Também é necessário ficar bem clara a fronteira entre a autoridade dos sobas e a da administração, sobretudo nas makas de uso da terra e na repartição da justiça. Tem de haver um esclarecimento legal para conciliar o chamado direito consuetudinário com o direito positivo trazido pelos europeus. De forma absolutamente límpida. Senão, vamos ter problemas entre o soba (já agora talvez rei) da Ingombota e o governador ou presidente de Luanda. No caminho a que as coisas estão, os vivaços vão aparecer em breve a reclamar os seus direitos. Um dos mais importantes será o de ficar na primeira fila de um qualquer ato público, ao lado do cardeal e do presidente do Tribunal Supremo. Duvidam? Se continuarmos com as nossas engenharias de inventar a pólvora, vamos sofrer dessas makas.

E não falta muito.

DO MAL DE NASCER CANHOTO

Como nasci canhoto, mas fui desde cedo corrigido (era o que se fazia no milénio anterior, na família e na escola), não notei muito. Só mais tarde me apercebi, este mundo não foi feito para velhos... nem para canhotos.

Nas escolas, as crianças com essa particularidade sofrem bastante. As carteiras estão concebidas para destros e quando se trata daquelas para duas pessoas, ainda o caso fica mais complicado. Os cadernos idem. Por isso se veem as crianças nas posições mais incríveis, tentando escrever. Lá conseguem, mas é duro. E isso se vai repetindo em todas as invenções de instrumentos, alguns se tornando mesmo de tortura. Não é por acaso, os carros têm o acelerador na direita e o travão na esquerda. Preconceitos...

Lavar os dentes ou pentear não é problema para mim, não fui corrigido para essas situações. E posso executar muitas operações com as duas mãos, o que me dá vantagem por exemplo para escrever no computador. Poderia ser um pianista equilibrado, se tivesse ouvido para tanto. Tanto me faz conduzir pela direita ou pela esquerda, é só um minuto para me habituar à mudança de registo. Mas fiquei com problemas por ter sido corrigido, os quais não interessam para aqui, nem o meu caso interessa sequer. Falo em abstrato.

Este mundo já não era feito para canhotos, antes. Agora, nem politicamente o é. Um canhoto é logo olhado com desconfiança, se vai assinar uma petição ou a inscrição num partido. Pensam imediatamente, é um dos últimos sobreviventes de esquerda a tentar se infiltrar. Pode ser travado imediatamente, que é que o senhor quer, este partido não é para gente da sua laia. E lá vai o pobre banido só porque faz parte de uma minoria.

Os canhotos são uma minoria e sentem. Se não sentissem, faziam-nos logo sentir, vocês, os desvalidos, que têm pouca habilidade a utilizar a mão direita, que andam a fazer neste mundo? No entanto, no futebol, os canhotos são bem tratados. Devia fazer-se um estudo sobre isso, pois tenho a impressão que os melhores jogadores do mundo são canhotos de

nascença, embora depois lhes obriguem também a usar a perna direita e em alguns casos nem se desconfia, antes se gaba a facilidade do jogador que domina perfeitamente a bola com ambos os pés. Mas o futebol não é bom exemplo para ninguém.

O que me interessa mesmo é insistir nesta coisa do politicamente correto que leva as pessoas a fumarem dentro de qualquer sítio... mas segurando o cigarro ou o charuto com a mão direita. Pois. Se o fizessem com a esquerda estavam a denunciar a prática de trabalhar mais com a direita. E talvez em trabalhos pouco dignos. Por exemplo, abrir cofre alheio. Acho, nunca vi ninguém abrir um cofre alheio com a mão esquerda. Falo de cinema, obviamente, pois nunca assisti a nenhum assalto de banco na vida real. Também, se por acaso assistisse a uma cena dessas na vida real, por vingança, denunciaria o destro. Se fosse um canhoto, acho que deixava passar. Bolas, haja solidariedade.

Por vezes penso, gostaria de ser mosca e ficar a vigiar um local de voto para ver se há diferença entre canhotos ou outros na escolha dos partidos, de direita ou esquerda. Também é certo, vão rareando os de esquerda, hoje tão pouco na moda. E a política é cada vez mais isso, apenas modas.

É por isso que acabo por reconhecer, ainda bem que fui corrigido, assim consigo disfarçar. E até poderia me infiltrar num partido, se para aí estivesse virado. De preferência num de direita, para o sabotar por dentro com bombinhas de mau cheiro... Privilégios de que não me aproveito, pois nasci mesmo sem jeito para aproveitar.

HAKA! AS MOTAS... AI, BENGUELA

Houve tempos em que me era algo difícil voltar à terra natal. Sentia, ela parecia ter perdido a alma. As pessoas vagueavam pelas ruas, muitas apenas estavam paradas nas ruas, encostadas às paredes, os olhos vagos, sem nada para fazer, sem nada para ver, talvez sem nada para crer.

Agora é diferente. A cidade recuperou a sua alma vibrante mas discreta. As ruas estão bem asfaltadas, os passeios recuperados, não há lixo, não há poeira, os largos e jardins públicos esplendidamente tratados, «verdes da cor da esperança», como diria Cabral. As pessoas vão a sítios, se vê que muitos já trabalham. Os carros são numerosos, mas não há engarrafamentos, e todos se respeitam e respeitam o direito dos outros. Para quem vive em Luanda, se trata de facto de outro país, outro universo, outra galáxia. Talvez por isso nos fins de semana a cidade se encha de kaluandas ou seus aparentados, atraídos pelas praias e pelas discotecas, onde está mesmo a bater.

O único «mas» serão as motas a servir de táxi, os kupapatas, que besouram por todo o lado, por vezes dois ou três em linha. Tem havido acidentes, não só de kupapatas atropelados mas kupapatas a atropelarem peões. Um amigo meu mostrou-me os estragos feitos nas suas pernas por um desses táxis de cliente único, colado às costas do condutor. Um exemplo entre muitos.

Estávamos em grupo na Praia Morena à noite, passeando, quando um polícia numa mota se abeirou de nós. Parou, saiu da mota, tirou o capacete, pôs o boné de polícia e perguntou-me se era eu mesmo. Disse que sim e ele veio cumprimentar, delicadamente, era uma honra conhecê-lo. Era muito jovem e resolvi brincar com ele. Disse, você com essa mota deve apanhar muitos kupapatas que cometem, mas a resposta foi surpreendente. Haka, as motas, ai as motas... Eu voltei a repetir, a sua mota é mais poderosa, consegue apanhar. Mais-velho, se vou atrás deles ainda é pior, para fugir, cometem mais, fazem manobras perigosas, aí provocamos acidente. É melhor deixar ir. E eu pensei, o jovem talvez

tenha razão. Os kupapatas marcam de facto a rua, durante o dia. À noite a cidade recupera a sua ancestral tranquilidade, de quatro séculos.

Mais ao norte, estão a Catumbela e o Lobito, cidades ligadas entre si e praticamente unidas a Benguela, numa metrópole de quase quarenta quilómetros ao longo do mar e com população a se aproximar dos três milhões. A trepidação, a futura poluição e o barulho industrial fazem o contraste com Benguela. Ainda bem que o «desenvolvimento» se faça para Norte e nos deixem, na cidade do Sul, a calma dos grandes filósofos. Que se prolonga até ao Dombe Grande, terra de muitos mistérios, que continua um oásis verde no meio do amarelo da anhara. A cidadezinha vai sendo arranjada e o mercado floresce. Claro, será necessário mais investimento e mais postos de trabalho. Parece que os políticos continuam a ir ao Dombe, não para admirar a beleza das margens do irrequieto Cuporolo, mais ou menos domesticado agora, mas para as consultas aos kimbanda, cujos tratamentos provocam subidas e êxitos na vida política. Quem tem cargo em perigo vai à consulta e sai de lá com o futuro próximo garantido. Dizem as más-línguas que houve um corre-corre no ano passado, com a criação do novo Governo. Deixemos a má-língua, o Dombe continua lindo.

Infelizmente, ainda falta recuperar o mítico Bairro Benfica, de Benguela. Urge trabalho nas ruas em quadrícula, uma Manhattan em ponto pequenino. Sim, porque comparável a Benguela, e só em alguns aspetos, é mesmo Nova Iorque.

Falei como bom filho da terra.

O ÚLTIMO ESCÂNDALO DO IMPÉRIO

Fico fascinado pelo ar de inocência e indignação que prolifera nos governos e órgãos de informação quando se descobre, de forma insofismável, aquilo que toda a gente sempre soube ou pelo menos suspeitou: que estamos a ser globalmente espionados. Pouco importa o pretexto, tráfico de droga, terrorismo, lavagem de dinheiro, imigração clandestina, negócios de jogo, máfias, etc. A verdade é que certas polícias nos olham sempre como criminosos encobertos, nunca como inocentes até ver.

Já dizia o velho Orwell no seu *1984* que tínhamos todos um *Big Brother* a vigiar os passos, até mesmo os mais pequenos. No entanto, dado o contexto da época em que saiu o livro, todos acharam que ele se referia apenas ao totalitarismo soviético e *sus muchachos*. Pois é, esqueciam os «bons» espões, os do Ocidente (ocidente para alguns, pois qualquer ocidente é oriente para alguém, ideia de Hegel tão esquecida). Os do Ocidente não eram de facto espões, eram cavalheiros impolutos, cowboys decididos a arriscar a vida para defender a liberdade dos povos (se entretanto eliminavam pela calada uns quantos ou se semeavam de microfones um edifício, era sempre pela boa causa e acontecem danos colaterais ao se defender uma boa causa). Como aprendemos na vida, embora se afirme sempre o contrário no discurso politicamente correto, os fins justificam mesmo os meios, se tratando de poder, qualquer que seja, mesmo o do porteiro de uma discoteca. Pois é, os «bons» do Ocidente, que andam sempre à caça dos «maus» do Sul ou do Leste, agora foram apanhados com a mão na massa. E pouco importa se são dirigidos e defendidos por um Prémio Nobel da Paz, recebido antes mesmo de terminar qualquer guerra. Aliás, até hoje sempre desconseguiu. Os bófias mascarados serão sempre «bons rapazes», pois são os agentes do Império.

Impossibilitados de esconder ou ignorar o escândalo, os governantes da Europa e outros fiéis aliados que afinal tinham microfones escondidos nos colchões e até nas sanitas para proporcionarem belíssimos espetáculos

gratuitos aos seráficos caíngas das secretas imperiais, agora pedem timidamente explicações. Protestos que não vão dar em nada, o assunto acaba por ser esquecido. E o inesperado homem que desencadeou tudo, herói para uns, traidor para outros, continuará a ser incómodo para todos, mas nada mais que isso. O incómodo passará com uma injeção ou picada fatal, pois nestes casos convém não deixar pistas a descoberto.

Ou será que estou a ver demasiadas séries americanas tratando de conspirações e a ficar paranoico? Temo realmente pela minha sanidade mental. Até já sonhei em pedir a um perito muangolê, discretíssimo como convém a um personagem competente, para examinar com lupa todos os orifícios de casa onde pudesse ser instalado equipamento ultrassecreto. Desisti, há demasiados buracos em casa velha.

O kamba George Orwell, que tinha veia anarquista e por isso lutou em Espanha contra os fascistas, deve estar a rir na tumba: afinal só agora descobriram que o *Big Brother* pode falar inglês? Julgavam que só usava eslavo ou mandarim, além da novilíngua? Vemos então como a literatura pode ir longe na análise do pensamento, por mais escabroso que seja. E o pensamento de qualquer Império (ia dizer qualquer Poder, mas prudentemente recuei) é sempre escabroso, mesmo se servido com sorrisos, belos discursos e jogos de basquetebol. Já agora, o desclassificado Comité Nobel bem podia outorgar o Prémio para o melhor espião. Isso, sim, é Arte! Talvez o detentor da Paz Desconseguida pudesse obter mais um penduricalho para a sua coleção.

DINASTIAS OYÉ

Estamos de novo na fase das dinastias. Cada vez mais governantes sucedem aos pais. E há algum tempo a moda entrou mesmo nas igrejas, com a de Moon a dar o exemplo, com Hyung-jin Moon, o mais novo dos filhos a suceder ao pai e fundador, Sun Myung Moon. Quando as igrejas modernas são inspiradas nas empresas, este caso choca-me tanto como a Ford ter passado para as mãos do filho do fundador da empresa, isto é, não me choca nada. E as igrejas podem escolher os líderes que quiserem, isso tem mais a ver com os deuses delas que comigo. Provavelmente haverá igrejas sem deuses, também, o que sempre é mais pragmático e original (se estamos no século da religiosidade, segundo profecia do grande André Malraux, espero também estarmos no da originalidade).

O que me faz de facto certa confusão é termos voltado às dinastias políticas, com toques de originalidade. Nada tenho a obstar ao facto de países tão respeitáveis em todos os sentidos como o são a Noruega ou a Suécia serem monarquias e, portanto, respeitarem as dinastias. Têm todo o direito de ser monárquicos quanto eu de ser republicano, direito adquirido à custa de muitas revoluções e guerras e repressões, mas o passado lá vai, e estes reis ou rainhas (sobretudo estas) de agora até são mais populares que os políticos eleitos nos seus países. Porque de facto não se metem na incomodidade da gestão das coisas deste mundo e espalham boa disposição e carinho público. Falo em geral, não me ateno aos do Norte da Europa, simpáticos por natureza e dando muitas lições de humildade, por vezes, apesar de darem capotes em termos de nível de vida e justiça social.

Também por cá temos a tradição das dinastias, embora complicada nalguns casos pelo direito matrilinear de sucessão, embrulhando-se com a influência cristã ou europeia da sucessão de pai para filho. Assim, sobas que se denominam reis e príncipes vão passando as coroas aos filhos, esperando estes delegar nos netos. Tudo bem, é a tradição africana, agora restaurada e emendada em muitos sítios, já que o encanto civilista da

modernidade ou pós-modernidade passou.

Há obviamente casos particulares, como as dinastias da Coreia do Norte com pretensão fundamento ideológico comunista, ou as de muitas repúblicas muçulmanas, cujas dinastias não têm tido grande sucesso e são derrubadas como castelos de cartas. Nesse mundo, também as repúblicas! Melhor se mantêm as plutocracias monárquicas, com o beneplácito e sobretudo o apoio carinhoso das potências ocidentais, que lhes atestam o caráter democrático e humanitário, fechando os olhos pudicos aos atentados à liberdade e honra das mulheres, mas isso são nzimbos furados no grande mercado da democracia liberal.

Mas o que de facto me inquieta é a tentativa cada vez mais frequente em África de os pais quererem passar o poder aos filhos, contra as normas constitucionais que dizem defender. Tivemos o caso extremo do irascível Bokassa, se autoproclamando imperador da República Centro-Africana, numa contradição até no nome. A ideia seria passar a coroa ao filho mais velho mas correu mal. E outros vêm imitando, com mais êxito, sem terem a lata de se intitular imperadores. Um se proclamava Rei dos Reis, melhor dizendo, pretensão chefe dos sobas, mas também lhe correu mal. O que não impede os sonhos de alguns. O problema é que não sabem como sair do poder ao qual estão colados com visgo e então, em último recurso, atiram o filho para a fogueira. Eles já não estarão cá para ver a fogueira virar incêndio devastador ou vulcão.

A CIDADE VORAZ

A cidade fervilha, mesmo antes de o dia nascer.

As pessoas, estremunhadas, muitas sem a cara lavada por falta de água nas casas, avançam dos bairros periféricos, das novas urbanizações, do Cacucaco, de Viana, até de mais longe, do Zango, do Panguila, do Morro dos Veados, convergindo para o centro, onde há trabalho ou possibilidade de um negócio. Vêm muitos a pé, de carro individual ou, sobretudo, de candongueiro, os táxis coletivos que compensam a falta de transportes públicos, projeto sempre adiado pelas autoridades competentes, com desculpas descosidas. De comboio só mesmo os sortudos de Viana. O cheiro dos mal acordados se sobrepõe ao perfume barato com que as mulheres tentam disfarçar outros odores.

Nos carros estão famílias inteiras, os filhos arrancados da cama às cinco da manhã e continuando a dormir na viagem, para poderem chegar a horas à escola ou creche e os pais depois seguirem para o trabalho. Gente com dinheiro para ter carro e talvez uma vivenda, mas sem tempo para viver, perdida no trânsito.

Jovens usam motas, alguns aproveitam até para o negócio de levar clientes atrás. Kupapatas se chamam, nome nascido em Benguela, mas depressa se espalhando pelo país.

A cidade é um bicho vivo, cada vez mais desperto.

E voraz.

As vidas ficam sujeitas às necessidades e desejos da cidade, a ela entregando por vezes a alma. Pelo menos a consciência, vencida pelo imperativo da sobrevivência, deixando para trás princípios, valores, vindos de sociedades antigas e com outras regras e vantagens. No entanto, os habitantes perderam a memória, mal transmitida de gerações passadas, não associando portanto a forma de viver (ou de obedecer) à cada vez mais esquecida escravatura. No entanto, sob novas formas, ela permanece, obrigando as gentes a fazerem o que não querem mas a que são obrigadas. De forma mais subtil, apenas.

É mesmo esta a forma como queremos viver?

Pergunta que é feita em grandes metrópoles do mundo. São Paulo, Cidade do México, Cairo, Los Angeles, Roma, Xangai, e tantas outras que vou esquecendo, para a alma não sangrar. Milhões todos os dias se repetem a mesma questão, é assim que quero viver? Será só isto que a Humanidade foi capaz de inventar, ao sair da barbárie? Uma nova barbárie, claro. Pois aos inconvenientes apontados atrás, devemos acrescentar as consequências: criminalidade elevadíssima com sua sequente falta de tranquilidade de espírito, barulhos destruindo tímpanos e provocando doenças psíquicas ainda não conhecidas, poluição do ar, destruturação familiar e social, religião tornada negócio com implicações perigosas de sectarismo criminoso. O modelo nova-iorquino se impôs ao mundo inteiro e parece difícil fugir a ele. Alguns sentem esse modelo ultrapassado e se reconhecem mais no Dubai, sem reparar que é exatamente a mesma coisa, pelo menos na essência.

Haverá quem diga, falamos de cidades ou de sistemas sociais? Não é então a mesma coisa? A cidade engoliu o sistema, engoliu a cultura, ou, se quisermos, o reverso, o sistema engoliu a cidade, a cultura engoliu o sistema. Mas atenção! Quando se fala de cultura, é da nova que se trata, a feita nos arranha-céus, a da estridência do som e da cor, a do exagero do desejo e da compra, a de viver para trabalhar e de trabalhar para gastar e a de não ter tempo para viver.

É mesmo o que queremos para os nossos netos? Que conheçam apenas animais de plástico ou os que veem em zoológicos ou oceanários? Que passem o dia amarrados a aparelhos de jogar e de comunicar com o nada?

Eu não quero.

A DANÇA DOS EMERGENTES

Comecei a ver primeiro o conceito ridicularizado, pois a palavra emergente seria vulgarizada mais tarde pelos brasileiros. Notei quando era jovem, talvez nos anos sessenta do milénio anterior. Aplicado com sarcasmo aos ricos norte-americanos que iam à Europa para hotéis de luxo e a vestirem roupas caríssimas mas de discutível gosto, sobretudo porque ao fato ou sobretudo mais requintado juntavam botas de cowboy e respetivo chapéu. Os europeus, vaidosos pela sua cultura secular, gozavam a mania americana de comprar pedra a pedra castelos da Provença ou da Escócia, para os recomprem nos ranchos do Texas ou da Louisiana. Na época seriam chamados de novos-ricos, assim uma espécie de boçais com dinheiro, os quais amarfanhavam com chorudas gorjetas os snobes europeus exaustos de guerra e de bolsos rotos. Os mal-agraçados recebiam as gasosas e ainda riam nas costas dos turistas. O argumento era sempre o mesmo: os americanos eram ricos mas não tinham História. À Europa, pelos vistos, restava a História, que ia sendo vendida a retalho... Os americanos, com o passar do tempo, sempre se sofisticaram alguma coisa e deixaram de ser chamados de emergentes.

Mais tarde, assisti ao surgimento dos emergentes japoneses, já curados das feridas da guerra, invadindo os espaços com as suas máquinas de filmar ou apenas fotográficas. Eram mais discretos, no entanto. Só chamavam a atenção quando se juntavam aos cachos, por exemplo em frente a uma montra famosa de Berlim ou Londres, não tanto para registarem para a posteridade os componentes do grupo, mas sim os produtos expostos e a arte de os exhibir. Vim a saber que muitos empresários japoneses encorajavam os seus trabalhadores a turisticarem e dispararem flashes em profusão catatónica, pois isso podia contribuir para melhor conhecimento do marketing ocidental. Emergentes mas sempre trabalhando para a firma, portanto.

Quando a União Soviética implodiu, o foco mudou para os emergentes russos. Uma série de magnatas apareceu nas praias e salões do mundo,

comprando ilhas e vontades, com o espólio público previamente saqueado. Eram emergentes boçais, como os americanos no meio do século, mas com modos piores, mais rudes, sem respeitarem filas nem prioridades alheias. Continuam na mesma, levando a cultura do bulldozer para todo o lado, atropelando velhinhas, pisoteando crianças, só para se chegarem à frente de qualquer coisa. Produto da educação socialista, dirão os europeus do lado mais ocidental. Só resta provar o que é que o socialismo tinha a ver com o assunto! E com estas emergências coroadas, recebidas no entanto por todas as rainhas, que até encorajam a venda de clubes de futebol e catedrais em ruínas, novos castelos cobiçados da Europa.

Os emergentes chineses são demasiado recentes para chamarem a atenção, mas não se iludam, também se mostrarão em toda a cintilação dos seus arranha-céus.

Uns emergentes que têm dado nas vistas, pelo menos nalguns países mais periféricos, são os angolanos. Os nossos novos-ricos transbordam de exuberância em compras e em gestos de arrogância para com os hospedeiros. Os americanos, ao menos, tinham sacado as fortunas no petróleo do Texas ou no ouro da Califórnia e os japoneses na sua indústria supercompetitiva. Os nossos, ainda ontem meio esfomeados a carpir nos corredores do poder, hoje levantam a voz e berram seus tesouros, quanto custa?, eu compro. E compro-te a ti também, seu vendedor miserável. Isto em lojas de produtos de luxo, em hotéis de 6 estrelas ou nos casinos mais sofisticados. A darem uma de boçal. Sem educação suficiente para perceberem a própria despolidez. Complicado!

POR FAVOR, NÃO ME ENVIEM LIVROS PELO CORREIO

Pode parecer título estranho, mas tem todo o cabimento. Desde há uns tempos, tenho tido azar com os livros que me enviam. Aqueles que, por contrato, as editoras têm o dever de entregar ao autor. Com algumas delas consigo arranjar meios de diversão para fintar o destino, mas com outras não. Ou o Estado descobriu forma de tapar os buracos causados nas contas públicas por atos que não vêm aqui ao caso, cobrando a torto e a direito taxas às encomendas postais, último reduto da trincheira firme.

Fui aos correios centrais por ter recebido notificação para levantar um volume. A boa disposição logo desapareceu, pois isso significa enfrentar o aterrorizante trânsito da Baixa de Luanda. Normalmente, quando são encomendas pequenas, o carteiro leva-as a casa. Ou agora deixou de ser assim ou ando em maré de azar. Que remédio, fui. Primeiro preenche-se uma ficha com o nome e a hora de chegada, deixando-se lugar para se escrever a hora de atendimento, o que nunca acontece. Como vão fazer a estatística se se marca o princípio mas não o fim da operação? Mistério. Mas passemos. Entrega-se a notificação e duas (*sic*) fotocópias do bilhete de identidade e uma fotocópia do cartão de contribuinte. Aguarda-se pela chamada. Passa sempre entre meia hora a uma hora, porque todos os volumes, depois de descobertos pelos funcionários dos correios no armazém, têm de passar pelo guichê da Alfândega, onde são abertos, comparado o conteúdo com o comprovativo, avaliados e finalmente lhes é atribuído um imposto. Com os livros, pelo menos comigo, depois da explicação que é oferta do editor ao autor e não destinada a venda, tem havido isenção de taxa. Mas antes que chegasse a minha vez, assisti à abertura de sacos com sapatos em profusão, embrulhos grandes com adereços, caixas de papelão com iguarias estranhas, etc. Depois de o chefe conferir o conteúdo, vai lá dentro com os documentos da remessa e regressa com a decisão do chefe maior. Entretanto, a embalagem é

cinturada com fita adesiva larga com a palavra «Alfândega». Daí o cidadão vai ao guichê do banco, ao lado, pagar a taxa e depois ao guichê onde tudo começou, o dos correios, apresentando o recibo e tendo de preencher mais uns papéis e com isso voltar ao banco para pagar a taxa da estadia no armazém. Pouco lhe vale dizer que quem enviou a encomenda já pagou. Isso é o correio do local de origem, agora tem de ser pago o do destino, pois a encomenda dormiu no armazém. Quantos mais dias dormir, maior o montante.

A Alfândega isentou-me de taxa pelos dois livros, mas tive de percorrer a via sacra. E a cereja podre em baixo do bolo foi no guichê onde tudo começa, no dos correios, pois o que me queriam fazer pagar pela estadia da encomenda no armazém correspondia ao dobro do preço de venda dos livros no Brasil. Não pago e acabou, isto é escandaloso. Que os livros tinham dormido muitos dias no armazém, justificava a funcionária. Tinha recebido a notificação na véspera e bravei, se isso dormiu aí tempo demais, a culpa é vossa, que não funcionam, porque só ontem me comunicaram que os livros tinham chegado.

Esperem aí que vou falar com a chefe. A qual decidiu que pagaria três dias. Era razoável, aceitei. Estive duas horas nos correios por dois livros que até já tinha lido (pior, já tinha escrito!). Acrescente-se cerca de duas horas de trânsito.

Quem falou que um país avança com a produtividade do trabalho?

Não deve ter sido a propaganda do regime, essa nos enche os ouvidos com o maravilhamento com que o mundo contempla os progressos do País, só faltando enviar um satélite para o espaço. Mas não pelo correio.

ENCONTROS EM TERCEIRO GRAU

Juro que evito ao máximo discussões e debates públicos, nos quais recuso sempre participar, porque os considero inúteis. E também evito confrontar as crenças das pessoas, cada um que acredite no que lhe der mais jeito, já passei a fase de tentar convencer alguém. Azar o meu quando alguém aproveita o facto de se sentar ao meu lado num qualquer avião, e me conhecer há muitos anos, para chamar a atenção que tenho sido corrosivo ou sarcástico demais em relação ao poder, qualquer que ele seja, em livros ou entrevistas.

Sem eu querer, lá tive de me defender mais uma vez desse tipo de acusações.

Disse ao meu conhecido de décadas, colega antigo em assentos governamentais, que não sou eu o sarcástico, ele anda mesmo distraído. De facto, o sarcástico é o poder que anda a gozar connosco há muito tempo. Ele não gostou, não podia, faz parte, mas quem pisa o rabo do cão deve se preparar para a mordidela. A discussão pegou algum fogo, mas como encolhi os ombros e disse que não tinha tempo a perder com essas discussões não conduzindo a nada, ele ficou zangado e perguntou se eu achava que ele afinal andava a perder o seu rico tempo de vida.

Tive de explicar, depende do que se entende por perder tempo. Não tenho dúvida que ele gasta muitas calorias sentado em reuniões e congressos, na maior parte do tempo a meditar sobre mares e ventos longínquos da mesa das discussões, porque já sabe o que cada um vai dizer. Mesmo o discurso que vai ler, o será pela primeira vez, pois um assessor qualquer lho apresentou já todo bonitinho, só que não tem uma frase original, todas copiadas dos discursos feitos durante trinta anos, mudando uma vírgula aqui ou uma palavra ali, na célebre técnica do copy-paste tão usada pelos nossos estudantes para fazer trabalhos escolares. Não sei quem copiou quem, mas acredito que os primeiros foram os estudantes, tendo os assessores aprendido com eles. E fico feliz por saber que terá ao menos sido um assessor angolano a fazer os copy-paste, pois

muitas instituições nacionais pagam bué de kumbú a estrangeiros mal letrados para o fazerem. Nessas reuniões dos nossos muatas, eles sofrem os inconvenientes de estarem em mesas cheias de folhos onde seja difícil equilibrar um papel, ainda menos um copo. Que sofrem a ter de beber água, quando estão habituados a outras bebidas mais energéticas. Que têm de disfarçar os bocejos e alguns se rendem a uma soneca, à frente de toda a gente. Que uns tantos só não foram apanhados pela televisão a rressonar, porque a censura corta o som e só se vê o camarada dormindo no seu assento, o que pode parecer uma profunda meditação sobre o que outros dizem. Aceito, é duro ser muata, uma vida de sacrifício, sempre a lutar contra o sono.

Mas sacrifício e esforço não significam trabalho. Trabalhar é outra coisa para além de consumir o seu tempo de vida em atividades inúteis.

Pedi-lhe hipocritamente desculpa, mas lamentava o seu sofrimento em benefício do povo. Eu ao menos aproveito para dormir, se tenho sono.

E acabou a conversa. Como dois desconhecidos, continuámos a viagem. Só brindámos ao jantar, bom trabalho a ambos. Eu não ia em serviço, portanto estava tranquilo. Ele, que se conformava em mais uma delegação oficial defendendo os interesses do país, suspirou no brinde, o que não o impediu de pedir mais umas bebidas para se inspirar nas difíceis negociações que iria encetar. Na despedida, só lhe perguntei, já tens os discursos preparados? Ele foi modesto, vou reler tudo, fizeste-me pensar.

E eu, já de maldade, animei-o, faz isso mesmo mas não exageres, pensar cansa, e pagam-vos pouco para tanto sacrifício.

OS PODERES GLOBAIS

Temos tendência a ver as coisas paradas no tempo e nos acomodamos com demasiada facilidade. Por exemplo, isso de achar que os Impérios nunca morrem. Como Hitler, que dizia com toda a arrogância que o Terceiro Reich ia durar mil anos. Não o fazia por menos. Mil anos. A meio, já não se reconhecia ninguém...

E aqueles poderes que neste momento se apresentam como globais começam a dar sinais seguros de fissuras definitivas. Sem querer chocar almas mais sensíveis, devo dizer que a ONU, na sua versão atual, está mesmo a se tornar insignificante. O Secretário-Geral pode lançar tiradas, naquele seu jeito de avozinho a preferir ficar na poltrona com chinelos vendo televisão e com pipocas: «O Médio Oriente não suporta outra guerra». Acaba de dizer isto, no meio de três ou quatro conflitos, quando estoiram os bombardeamentos a Gaza, ditos cirúrgicos, mas onde morrem mais crianças que outra coisa. A ONU bem pode ficar calada, que perderá menos prestígio, que o já tem tão pouco, amarrada como está. Expliquem, por favor, isso ao SG.

Outro poder global em aparatosa perda é a do FMI e da sua angulosa presidente, que diz uma coisa e no dia seguinte há sempre um assessor que vem contar o contrário. Deve ser problema de tradução. De facto, as traduções eletrónicas ainda não são muito eficazes e há falta de revisores. O problema não está só no que ela diz, que ninguém ouve. Está nas decisões, cada vez mais atabalhoadas, do FMI. Alguém que me explique o que eles pensam lá dentro, se mo souber explicar. Também é incompreensível ter de ser sempre um francês a ficar com a pasta. Foram eles que inventaram o esquema e têm direitos de propriedade intelectual? Não faz grande diferença, quem está lá em cima manda pouco, o centro do poder real não mora naquelas quatro paredes.

Finalmente, há um poder global que vai ruindo com sorrisos e ainda pouco ruído: o do Império. Alcandorado o seu chefe a Prémio Nobel da Paz, sem ter conseguido nenhuma paz e tendo iniciado ou incentivado

uma série de guerras, como a civil da Líbia ou da Síria, e alimentado todos os golpes e contragolpes no Egito, não sabe o que mandar fazer ao seu aparvalhado secretário de Estado, campeão de viagens aéreas e de falhanços rotundos em tudo o que se mete. É caso mesmo para dizer que gastaria menos dinheiro e provocaria menos poluição, se o avião ficasse parado. De facto, o Império desconhece como se posicionar em relação à China, a batê-lo em todo o terreno menos no basebol (por enquanto!). Temos que reconhecer no entanto que o Império numa coisa mantém vantagem, pois continua perito em espionar os amigos, já que os inimigos não lhe deixam... E o engraçado nesta estória toda é que os amigos mostram ar indignado, como se desconhecêssem. Sabiam mas não abriam a boca. Agora já ousam protestar, o que mostra a decadência imperial. Quando os súbditos reclamam, algo está a apodrecer no trono. E logo para nosso azar, a coisa torna-se visível quando quem lá se senta é um descendente de africano. Mais cedo ou mais tarde, os raivosos do Partido do Chá e seus apaniguados, que não sabem fazer outra coisa senão provocar incêndios, vão lançar umas bombas indiscriminadamente sobre o nosso continente, para esconjurarem o exemplo. Então África não é a fonte de todos os males, desde o Ébola até ao Homo Sapiens?

De uma culpa África não se livra, a de ter inventado estes humanoides que, transportados para outros continentes, ainda conseguirão o feito inédito de partir a Terra em três luas desertas. Em nome do progresso e da democracia.

FÁBRICAS DE TERRORISTAS

André Brink, grande escritor sul-africano, brindou-nos, em 1991, com um espantoso romance, *An Act of Terror*, que não creio ter sido publicado em língua portuguesa, como aliás sucede com os outros livros do autor. A menos que tenha acontecido no Brasil e me passasse despercebido.

Esse enorme livro conta a estória de um jovem branco sul-africano, de origem bóer, como o autor, descendente de uma família vinda da Holanda para África há doze gerações. E como esse jovem ganha consciência política, renega a política do apartheid então vigente na África do Sul, procura com os outros criar a nação arco-íris e, vendo os amigos e companheiros abatidos um a um pelos serviços secretos só por serem combatentes pela liberdade, acaba por cometer um atentado, considerado um ato terrorista. É claro que a obra de Brink era proibida na África do Sul. Este livro e os anteriores, por desmascararem a essência da política e da sociedade racistas de então. Segundo se pode perceber no romance, a sociedade e o Estado segregacionistas criavam as condições para que as pessoas, revoltadas pelas injustiças e impotentes para mudarem as condições de existência, cometessem atos desesperados, que nos é difícil aceitar. Não aceitamos, mas compreendemos como as pessoas são levadas até esses extremos.

Lembrei-me deste romance por causa do que tem acontecido em partes do mundo, mas em particular na Faixa de Gaza, com os bombardeamentos ditos seletivos mas perfeitamente arbitrários de Israel, pelos quais milhares de inocentes palestinos pereceram, entre os quais muitas crianças. Vimos imagens de total desgraça, um povo atirado para o Inferno, sem esperança de salvação. Tal como o apartheid da África do Sul, o de Israel é apenas uma fábrica de terroristas. Não pode haver outra definição. Longe de mim a intenção de apoiar o Hamas ou outros movimentos parecidos, nunca apoiei terrorismo. Mas entendo as razões que levam pessoas a cometerem esses atos enlouquecidos de terror. E os donos da fábrica, felizes com o resultado da sua iniciativa, mas de ar

compungido, apontam depois o dedo, vejam, são terroristas, põem bombas em autocarros, deixam-se explodir à frente de restaurantes. Sim, é uma forma errada de lutar contra a injustiça e a opressão. Mas quem os leva a isso?

Mais um exemplo: quem fabricou tanto terrorista na Líbia, exportando-os para outras partes de África? Quem foi bombardear o país e acabou com a autoridade do Estado, desfazendo a unidade existente? Os mesmos de sempre, os que apoiavam a África do Sul (até ao momento de terem vergonha de o fazer, tal o coro de protestos), os que apoiam os destemperos criminosos de Israel (por má consciência do que fizeram aos judeus durante séculos na Europa), os que atacaram o Iraque com argumentos falsificados, abrindo a caixa de Pandora que hoje não conseguem fechar, os donos das fábricas de terroristas. Inútil dizer os nomes, são bem conhecidos e apontados a dedo por qualquer pessoa minimamente esclarecida.

De vez em quando o terrorismo ataca no quintal da fábrica e é um vendaval de lamentos, ameaças furiosas, bombardeamentos de retaliação, criação de alianças espúrias. Curiosamente, os donos das fábricas de terroristas não movem um dedo contra as ditaduras medievais da Arábia Saudita, do Bahrein ou do Qatar. Por também serem fábricas de terroristas? Os semelhantes reconhecem-se e protegem-se, é conhecido. E nós temos de aguentar com as imagens de destruições de um lado e do outro e com a selvajaria dos Atos de Terror.

Ah, imenso André Brink, por tudo isto nunca ganhaste o Nobel.

A CASA

Era uma casa sem ambições arquitetónicas. Três pequenos andares ocupados por uma associação de estudantes num edifício de quatro. O rés do chão estava ocupado por uma farmácia. No entanto, este prédio desprezioso albergou durante vinte anos um viveiro de quadros, uma incubadora de ativistas futuros e que ficarão na História de vários países.

Comemoram-se atualmente os 70 anos da fundação e os 50 da extinção da Casa dos Estudantes do Império (CEI), organismo criado ou autorizado pelo governo colonialista de Salazar, para de algum modo socializar e apoiar os estudantes que chegavam a Lisboa, vindos de territórios do então Império português, onde não existiam e até eram proibidos órgãos destinados ao ensino superior. Quem fosse originário de colónia portuguesa e quisesse formar-se numa universidade, teria de ir para Portugal. E aí, pensavam os fomentadores da ideia, essa elite «vinda da selva» seria controlada e educada nos princípios rígidos da moral e princípios que serviam os interesses da Metrópole.

Infelizmente para o regime de então, saiu o tiro pela culatra. Pouco a pouco, os estudantes das colónias, particularmente os africanos, começaram a ganhar interesse pelos problemas dos territórios de onde provinham, a preocuparem-se com os entraves ao desenvolvimento e à justiça, ao mesmo tempo que se iam introduzindo no conhecimento de culturas que nem direito tinham a ser reconhecidas como culturas, as suas. Foi portanto amadurecendo nesse edifício e nas secções de Coimbra e do Porto, o sentimento nacionalista, manifestado muitas vezes em atividades culturais ou de cariz social. Até o regime se aperceber que os seus objetivos se goravam. E haver intervenções sucessivas da Pide e outros órgãos repressivos. As direções eleitas nas Assembleias Gerais eram arbitrariamente dissolvidas pelo Estado, o qual nomeava Comissões Administrativas, com gente de sua inteira confiança. E as lutas continuavam na Casa. Até o governo reconhecer a sua ineficácia e recuar, permitindo a eleição de novos órgãos dirigentes pelos sócios. Os quais

dirigiam a organização até ao próximo mau humor dos diletos rottweilers de Salazar.

Pela Casa passaram muitos dos que viriam a liderar ou a militar nos movimentos nacionalistas, os quais, pela sua luta, haveriam de conquistar a independência dos nossos países. Duas gerações de líderes consolidaram na Casa os seus conhecimentos políticos ou mesmo foi nela que despertaram para as terríveis condições de vida dos seus povos e a necessidade de transformar a realidade.

A UCCLA (União das Capitais e Cidades de Língua Portuguesa) realizou a primeira atividade para comemorar essa gesta no dia 28 de outubro em Coimbra. Outras atividades se seguirão, particularmente a reedição de todo o espólio publicado pela Casa, até maio de 2015, altura em que se cumprirão os 50 anos da extinção da CEI. A primeira cerimónia de homenagem foi comovente, pois se encontraram muitos dos antigos sócios, alguns não se vendo desde 1961. Também houve portugueses a homenagearem a Casa, tendo sido escolhidas pessoas que tiveram contacto com a organização e com os antigos sócios. Obviamente, muitos se referiram a Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos, Lúcio Lara e a outros nacionalistas que marcaram indelevelmente a História.

Foi bom estar em Coimbra, rever tantas caras conhecidas e escondidas pelo tempo, ouvir depoimentos sinceros e comoventes, recordar a nossa juventude cheia de sonhos. Sobretudo, saber que valeu a pena.

Nem sempre o orgulho é um sentimento negativo, particularmente o de ter tido um número de sócio da Casa dos Estudantes do Império.

CABRITISMO E APOCALIPSE

O cabritismo é a prática baseada num provérbio angolano que diz mais ou menos o seguinte: «O cabrito come o capim do sítio onde está amarrado». Em condições ideais, o cabrito será capaz de limpar o terreno num círculo perfeito, se amarrado a uma estaca tornada no centro do círculo. O cabritismo aplica-se pois aos responsáveis que comem todos os bens do Estado disponíveis nas funções que exercem. Pode ser aplicado a outro tipo de responsáveis, ultimamente aparecendo até alusões nas redes sociais a cabritismo num popular clube desportivo.

Juntei esta recordação à profecia expressa por Mateus no seu Evangelho a propósito do Juízo Final. Diria Mateus que quando chegar o Apocalipse, Deus separará os justos dos injustos, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, mandando as primeiras para a direita e os segundos para a esquerda. As ovelhas terão para si a mansidão do reino dos céus enquanto os cabritos estorricarão para sempre nas labaredas do inferno.

Em primeiro lugar devo dizer que esta profecia atribuída a Mateus me incomoda sobremaneira por demonstrar preconceito contra a minoria canhota em que me inscrevo. Canhotos e albinos ficam sempre mal nas coisas, talvez por serem minorias e o mundo não estar adaptado a eles. E se o outro mundo também não lhes for destinado... fica-se mesmo mal.

Por que razão serão os injustos mandados eternamente para a esquerda? Mateus não explicou. Devia. Talvez por isso, durante a Revolução Francesa, os constituintes alérgicos ao clero e ao rei católico se tenham sentado no lado esquerdo do hemiciclo, provocando a distinção política que se usa até hoje nas filosofias e discursos, mais raramente na realidade da prática, onde a fronteira entre a esquerda e a direita se revela cada vez menos nítida.

O cabritismo é particularmente estimado entre nós, havendo verdadeiros cultores ou fiéis gozando de total impunidade, quer judicial quer da própria sociedade. Neste último caso, não sei se vinda de alguma tradição ancestral, em geral há grande condescendência das pessoas vulgares em

relação aos que usurpam o capim de todos. Não há verdadeira condenação social. Talvez exista mesmo uma secreta admiração ou inveja benevolente por quem consegue se governar. Porque se considera o que é de todos como disponível para o mais vivaço ou mais rápido?

No entanto, dados os tempos tão religiosos que vivemos neste século, porventura sem par na História, os praticantes do cabritismo deveriam perguntar-se em que lado vão ser colocados na altura do Juízo Final. Para os que, entre eles, acreditam no sobrenatural. Numa primeira observação, me parece ser mesmo a imensa maioria, pois vejo pela televisão muitos inspirados nos simpáticos cabritos a ruminarem em cultos de todas as igrejas e seitas cá da urbe. E sempre nas filas da frente, em lugar de destaque, para aparecerem com os chifrinhos a brilhar, ostentando ouros. Alguns imitadores de cabrito, mais precavidos, põem bonés quando há grandes reuniões políticas, para darem ilusão de povo, todos iguais, chifrinhos escondidos. Mas alguns deixam ficar de fora as barbichas, pois os bodes não têm meio de se camuflar. E há bodes a sério, bodes da pesada. Até dão marradas se lhes vão ao lombo, outra maneira de dizer bolsos. Os fiscais sabem, pois até se podem meter com os pequeninos, mas com os bodes é que não se metem.

Por falar em bodes, estes sempre foram identificados com o famoso e tão insultado diabo. No entanto, os templos aceitam-nos. Aliança espúria entre poder financeiro e poder espiritual para assalto ao poder político? Ou sempre estiveram ligados? Este mundo é estranho e cheio de mistérios.

DIVERSIFICAR OU ATUALIZAR?

Adoramos slogans, comprazemo-nos com eles. Por isso, eles vão mudando, conforme as modas ou conforme o entendimento do chefe. Os últimos foram «O resgate dos valores morais» e «Contra a violência doméstica». Antes houve «A municipalização» disto e daquilo. Sem que se visse qualquer alteração da situação, em qualquer dos casos. O mais interessante talvez tenha sido o do «resgate dos valores morais», apanhado de um discurso do Presidente da República, o qual nunca é citado assim, simplesmente, mas com todos os títulos e nomes, começando por Sua Excelência. Nessa fase do «resgate» chegou a haver seminários, reuniões por todo o lado, palestras, entrevistas a sociólogos, sacerdotes, psicólogos, políticos. Meses a fio. A única vantagem que vejo nessa campanha durando mais de um ano foi que hoje as diferentes jotas devem ter vergonha de repetir as «maratonas» (como chamavam então) regadas a cerveja quase de borla, nacional ou estrangeira, para arregimentarem seguidores para comícios políticos das suas cores. Como uma das necessidades do «resgate» era combater a tremenda onda de alcoolismo grassando na juventude (e não só), hoje fica mal promover uma maratona dessas. Infelizmente também não há das outras, onde se corre, o que seria bom para a saúde pública.

Atualmente, por causa do há muito anunciado abatimento do preço do petróleo, voltou-se a um antigo «Diversificar a Economia», vindo dos tempos da independência. De vez em quando aparecia em algum discurso, sempre orientador, mas esquecido no momento dos canapés e bebidas. Agora veio para ficar e se espalhar mais depressa que um vírus. E não discorde, tem de se recorrer a ele, mesmo a sério. Desta vez vai para lá do discurso, esperamos, com a nossa habitual capacidade de acreditar.

Ultrapassou o texto oficial e os editoriais de órgãos de informação para entrar na entrevista económica e não-económica, conversas de quintal, discussões nos candongueiros, até mesmo numa aula qualquer. Aconteceu na inauguração de uma escola primária num kimbo, em que o responsável

que cortou a fitinha (ah, as fitinhas!) logo proclamou que aquela escola era um exemplo de como se diversificava a economia. Fiquei quase catatónico e até hoje não compreendi onde o discursante queria chegar. Aposto que ele também não. Comigo alguns milhares que ainda prestam atenção à propaganda, tentando decifrar a notícia aí escondida. Vai acontecer em breve quando houver um jogo de futebol importante, será um acontecimento de diversificar a economia, claro.

O slogan funciona pois como um gancho. Daqueles de alpinista, que se atira na esperança de apanhar alguma rocha que trave a queda iminente. É o gancho do discurso. Se alguém não sabe como terminar uma fala, a parte mais difícil sendo o final, como todos sabemos, atira-se o gancho. O de agora é «diversificar a economia». Permite mais umas frases que milhares repetiram antes de nós, mas não faz mal, o que interessa é parecer de palavra fácil, pois ninguém já escuta o sentido das palavras.

No entanto, há gente criativa. Assim acontece com o meu amigo Laurindo, amputado de uma perna, que vive de pedir esmola num semáforo da cidade. Sempre que sou obrigado a parar no sinal, dou-lhe uma nota de 100 kwanzas. Ontem, ele disse, temos de diversificar, mano. Diversifica-me masé aí 200 kwanzas. Já estava o sinal verde mas procurei o correspondente para lhe dar. O Laurindo está cheio de razão, diversificar é apenas outra forma de dizer «atualiza o discurso». Porque os 200 que lhe dei ontem significam os 100 que lhe dava há anos, com o custo de vida a disparar. Tudo sempre por causa da crise. Os ganchos, esses, estão para ficar.

AS SESSÕES DE AUTÓGRAFOS

Nesta época pouco propícia aos livros, sofrendo concorrência violenta de outros meios de entretenimento ou de pretensa aprendizagem e padecendo também do empobrecimento (ou seu sentimento) dos potenciais leitores por causa das frequentes crises ou pseudocrises que vão assolando alguns países, muitos escritores tiveram de sair das suas cómodas redomas de cristal e enfrentar o público mais assiduamente. Uma das maneiras de defender a profissão da miséria anunciada é ir a todas as sessões de autógrafos programadas pelos agentes, editores e universidades, com isso vendendo um pouco mais livros que as ridículas dezenas premonizadas. Pelo contrário, há uns teimosos que resistem, ou porque têm outras fontes de rendimento, ou porque o chic do mistério lhes cria algum público fiel, caso cada vez mais raro.

Não alinho por nenhum dos extremos. De vez em quando vou a uma sessão de autógrafos, sobretudo em escolas. Enfrentando várias incomodidades, é bom de dizer logo.

É ótimo ir por exemplo a uma sessão na Noruega ou nas Honduras ou no Baluchistão. Há o mínimo risco de alguém me conhecer, de maneira que não passo os suores frios de ver uma pessoa na fila que identifico, mas de que não lembro o nome. Deveria, pois é alguém relativamente próximo, muitas vezes um amigo mesmo. A fila avança e vejo-o a dois passos. E vou assinando os livros de outros, fazendo um esforço insano em me lembrar do seu. Desisto. Uso uma pouco eficaz manobra de diversão: cumprimento-o, como estás, que nome queres que ponha na dedicatória? O malvado, percebendo o drama, diz o meu, claro. E tenho de reconhecer, sabes, com a idade, tenho falhas de memória, qual é mesmo o teu nome? Uns levam para a brincadeira, outros ficam ofendidos. Acontece quase sempre em sítios que frequento com alguma continuidade. Por isso na Estónia ou Chade arrisco menos este tipo de constrangimento.

Outro facto negativo: quando aparece alguém que desconheço em absoluto a querer dar-me lições de moral pelo que fiz ou não fiz, ou a

ensinar-me como e sobre o quê escrever. A vontade é responder no segundo caso desabridamente, então porque não escreve você? No primeiro caso, são por vezes bem-intencionados e mal informados, sobretudo os que pretendem dar lições de conduta.

A última razão a afastar-me dessas práticas é mais recente. Qualquer pessoa, tendo ou não comprado um livro para o autógrafo, quer uma fotografia com o escritor. Agora é quase lei: para cada autógrafo, uma foto. No princípio, por uma questão de boa educação, uma pessoa levanta-se para a selfie. Depois já não, que a idade pesa. E o obrigatório sorriso vai ficando mais amarelo. Até que arranjo uma aberta para fugir.

Num conto usei a personagem de um escritor surrado por um leitor em plena sessão de autógrafos, o qual se julga ofendido por um livro seu. Acontece mais vezes do que se supõe, mesmo se é raro tal grau de violência. Há uns tantos leitores que não perceberam o que é ficção e ficam indignados por qualquer vaga coincidência com a sua realidade. O que torna o ato de escrever e a presença em sessões públicas decisões heroicas ou masoquistas. Exceto o caso de escritores famosos que não dispensam guarda-costas e secretária, os quais filtram até os recados destinados ao autor.

Apesar de todos os inconvenientes e sabendo que mesmo numa boa sessão o que se ganha não compensa financeiramente todos os transtornos, sempre se vai participando, de vez em quando. Porque há os leitores que realmente nos apreciam, são sinceros quando o declaram, e nos fazem sentir que afinal vale a pena escrever. Mesmo que seja só para dez pessoas, vale sempre a pena.

QUEM TEM MEDO DOS LIVROS?

Nesta era da Internet e das redes virtuais, em que toda a gente pode ter acesso a informações diversas e estar sempre ao corrente das novidades, julgava que já não haveria tanto lugar para os livros, o que me preocupava obviamente, pois eles são importantes para mim, em todos os aspetos. No entanto, os últimos tempos trouxeram-me um grande alívio, embora pelas piores razões. Afinal ainda há gente que treme por causa de um livro. E voltei atrás no tempo.

Quando os militares deram o golpe de Estado no Brasil em 1964 para apearem do poder o democraticamente eleito João Goulart, abateu-se uma caça ao livro dito subversivo como há muito tempo não se via naquele país. Dois eram os mais visados pelos facínoras que entravam pelas casas dos suspeitos de esquerdismo. Um, *Os Miseráveis* de Victor Hugo, andando as secretas (pois eram várias, para umas apagarem o rasto das outras) à procura do perigoso escritor que tinha ousado descrever a gente pobre que morava nalguma favela. Alguém mais avisado deve ter explicado aos bófias e militares que Victor Hugo era um escritor francês, morto em 1883, e que portanto dificilmente o iam encontrar no Brasil. Desorientados, os milicos viraram as baterias para o livro *O Vermelho e o Negro*, tendo o seu autor, Stendhal (falecido ainda antes em 1942), sofrido grande perseguição por ousar pôr a palavra «vermelho» (que era o mesmo que dizer «comunista») no título de um livro. Estas diligências viraram anedota mundial, depois de a embaixada francesa em Brasília protestar pela perseguição feita às ossadas dos seus prestigiados escritores.

Mas acham que os ignorantes aprendem?

Queimas de livros em fogueiras foram comuns na História da Humanidade. Desde a Inquisição da Igreja Católica aos nazis do Hitler que estorricavam milhares de preciosos documentos, temos fartos exemplos. Mas isso era na altura em que o livro era o meio mais importante de fazer divulgar ideias. Hoje não tem tanto mérito por causa da concorrência. E talvez o último que tenha gerado movimentos de

massas tenha sido o *Pequeno Livro Vermelho* de Mao, atualmente uma relíquia. Mesmo esse livrinho, que era uma coletânea de frases do velho líder, apenas serviu como símbolo da Revolução Cultural dos anos sessenta do século passado. Há quem diga que foi o último livro a provocar uma revolução. Acho que apenas foi um instrumento para generalizar a luta pelo poder. Nunca nenhum livro provocou uma revolução, com exceção questionável da Bíblia, quando foi traduzida para alemão por Lutero e impressa na tipografia inventada por Gutenberg.

No entanto, ainda há agora gente que tem medo que um livro provoque uma revolução, promova um golpe de estado ou faça antecipar a menstruação das meninas. Por ser considerado objeto perigoso pelos analfabetos que são escolhidos para espiar os outros, em alguns setores da sociedade os escritores são olhados de lado, como se tivessem o ferrete do refratário, do rebelde, do revoltoso, e as suas obras perseguidas em certos sítios. Por exemplo em cadeias onde são confinados os curiosos que querem aprender coisas nos livros proibidos. E alguns desses livros continuam a merecer desconfiança, como acontecia na Angola colonial.

O Homem vai evoluindo, diz-se. Mas alguns continuam a ter medo de livros. Ou a servirem-se deles como desculpa para atividades censuráveis. A diferença parece pequena.

Se não revelasse tamanha pequenez da alma humana, dava para rir. Porque o ridículo faz rir. Em certos casos, só dá vontade de chorar, porque alguns sofrem por causa de um livro.

NOTA DE EDIÇÃO

As crónicas reunidas neste volume foram publicadas na revista mensal angolana *África 21*, entre março de 2007 e agosto de 2015. A data de edição da revista em que cada uma delas foi publicada pode ser consultada abaixo:

Os bonés – março de 2007
De fato e gravata – setembro de 2007
O horror do vazio – janeiro de 2008
Devo andar mesmo distraído – março de 2008
Uma má imagem? – setembro de 2008
País de imigração – novembro de 2008
Uma fuga para o planalto – janeiro de 2009
Síndrome do chinês? – março de 2009
A voz total – maio de 2009
A propósito de podas – setembro de 2009
Os balanços – fevereiro de 2010
Crónica satânica – abril de 2010
Ressacas do Mundial – agosto de 2010
Os fantasmas da Europa – outubro de 2010
Visão de Guernica – fevereiro de 2011
Crónica de Paris – abril de 2011
Mulheres... Mulheres – junho de 2011
Os gatos podem se manifestar? – outubro de 2011
Luta incerta – março de 2012
A verdadeira riqueza – maio de 2012
Ainda há ladrões honrados – julho de 2012
Passou o tempo dos partidos? – setembro de 2012
Os saudosistas do tráfico – novembro de 2012
Autoridades tradicionais – janeiro de 2013
Do mal de nascer canhoto – fevereiro de 2013
Haka, as motas... Ai, Benguela – abril de 2013
O último escândalo do império – agosto de 2013
Dinastias Oyé – outubro de 2013

A cidade voraz – dezembro de 2013
A dança dos emergentes – fevereiro de 2014
Por favor, não me enviem livros pelo correio – abril de 2014
Encontros em terceiro grau – junho de 2014
Os poderes globais – agosto de 2014
Fábricas de terroristas – outubro de 2014
A Casa – dezembro/janeiro de 2015
Cabritismo e Apocalipse – fevereiro de 2015
Diversificar ou atualizar? – abril de 2015
As sessões de autógrafos – junho de 2015
Quem tem medo dos livros? – agosto de 2015